

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFLCH DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

BARBARA BUVALOVAS BAPTISTA

**Púchkin Historiador: A pesquisa documental na *História de Pugatchóv***

São Paulo

2023

BARBARA BUVALOVAS BAPTISTA

**Púchkin Historiador: A pesquisa documental na *História de Pugatchóv***

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para a obtenção  
do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: língua e cultura russa

Orientador: Prof Dr. Bruno Barretto Gomide

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Baptista , Barbara

B 333p Púchkin Historiador: A pesquisa documental na História de Pugatchóv / Barbara Baptista ; orientador Bruno Gomide - São Paulo, 2023.

95 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. LITERATURA RUSSA. I. Gomide , Bruno , orient.  
II. Título.

## **ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

### **Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a):** Barbara Buvalovas Baptista

**Data da defesa:** \_\_16\_\_/\_10\_\_/\_2023\_\_

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Bruno Barretto Gomide

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, \_\_12\_\_/\_04\_\_/\_2024\_\_



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

Nome: BAPTISTA, Barbara Buvalovas

Título: Púchkin Historiador: *A pesquisa documental na História de Pugatchóv*

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

---

Instituição:

---

Julgamento

---

Prof. Dr.

---

Instituição:

---

Julgamento

---

Prof. Dr.

---

Instituição:

---

Julgamento

---

Para meu pai

## Agradecimentos

Sou especialmente grata ao Prof. Dr. Bruno Barreto Gomide, que me orientou com paciência, disponibilidade e confiança. Agradeço também ao prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho e ao prof. Dr. Samuel de Vasconcelos Titan Junior, pelos apontamentos e sugestões pertinentes concedidas em minha banca.

Sou grata aos profs. Drs. Aurora Fornoni Bernardini, Valteir Benedito Vaz, Hélio de Seixas Guimarães e Ana Luiza Reis Bedê, com os quais muito aprendi durante as disciplinas ministradas durante o mestrado.

Também agradeço em especial ao prof. Dr. Antônio Rago Filho, orientador do meu TCC na PUC-SP, que muito me incentivou a estudar literatura russa e sua historiografia. Sou grata ainda ao prof. Dr. Álvaro Alegrete por todo o seu apoio e incentivo durante minha graduação.

Agradeço à minha colega Verônica Souza pela sua amizade e simpatia em compartilhar suas ideias. Devo enorme agradecimento ao meu pai, Valdir Baptista, que não está mais aqui, mas que me guiou desde sempre por museus e livrarias, filmes, discos e livros. Seu incansável incentivo em minhas leituras, suas sugestões e sua disposição a sempre me mostrar novos horizontes possibilitaram a realização deste trabalho. Agradeço ainda à minha mãe Thais Helena Buvalovas por todos esses anos de amor, carinho e discussões sobre os mais variados temas, que me ajudaram a formular ideias e abordagens, e sua compreensão e auxílio inestimável durante a confecção deste trabalho.

## Resumo

BAPTISTA, Barbara Buvalovas, **Púchkin Historiador: A pesquisa documental na *História de Pugatchóv***, 2023. Dissertação (mestrado) em Língua e Cultura Russa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023

Aleksandr Serguêievich Púchkin (1799-1837) é considerado o fundador da literatura russa moderna. Em sua obra *História de Pugatchóv*, ele narrou os acontecimentos que marcaram o maior levante popular da Rússia no século XVIII, liderado pelo cossaco Imelian Pugatchóv, entre os anos de 1773 e 1775, sob o reinado de Catarina II, a Grande (1762-1796). Texto de cunho historiográfico desde sua concepção, *História de Pugatchóv* permite constatar influências de vertentes historiográficas europeias. Contudo, mais do que a filiação a uma escola ou modelo, a obra de Púchkin demonstra a capacidade de identificar e tomar emprestado de diversas tradições as ferramentas que lhe pareceram mais adequadas para forjar sua própria concepção de história e trabalhá-la em seus textos de forma independente e original.

Palavras-chave: Púchkin. Literatura Russa.

## Abstract

BAPTISTA, Barbara Buvalovas, **Pushkin as a Historian: The documental Research for the *History of Pugatchov***, 2023. Dissertação (mestrado) em Língua e Cultura Russa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023

Aleksandr Sergueievitch Pushkin (1799-1837) is known as the founder of modern Russian literature. In his work *History of Pugatchov*, he described the events that took place in the greatest popular uprising in XVIII Century Russia, led by the Cossack Imelian Pugatchov between the years of 1773 and 1775, during the reign of Catharine II, the Great. A historiographical text since its conception, it enables to state the influence from different branches of the European historiography of the time and before. Nevertheless, more than mere acceptance to a school of thought or model, Pushkin's writing testifies his ability to identify the most fitting tools in his opinion and borrow them from different traditions of thought to build his own historical concept and to shape it in his Works in an independent and original form.

Keywords: Pushkin. Russian Literature

## Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I Púchkin e a <i>Revolta de Pugatchóv</i> .....	16
Capítulo 2 – Arquivos, documentos e testemunhos.....	38
Capítulo 3 – A concepção de história em Púchkin.....	70
Conclusão.....	92
Bibliografia.....	95

## Introdução

O tema desta dissertação de mestrado é a *História de Pugatchóv*, uma narrativa historiográfica publicada em 1834 por Alexandr Serguêievich Púchkin, considerado o fundador da literatura russa moderna. Púchkin (1799-1837) publicou textos em todos os gêneros literários. Suas obras mais conhecidas são o poema *O Cavaleiro de Bronze*, o “romance em verso” *Evgueni Oniêguin*, o conto *A Dama de Espadas* e o romance histórico *A Filha do Capitão*.

Púchkin tinha muito interesse em obras históricas, tendo produzido muitas peças literárias baseadas em eventos factuais. Esse interesse se desdobrou na produção de uma obra historiográfica completa: a *História de Pugatchóv*, livro em que narrou a sucessão de acontecimentos que marcaram o maior levante popular da Rússia no século XVIII, liderado pelo *Ataman* (tipo de chefe tribal) Imelian Pugatchóv e protagonizada pelos cossacos do rio Yaik, entre os anos de 1773 e 1775, sob o reinado de Catarina II, a Grande (1762-1796).

A importância deste evento para Púchkin é evidente, já que ele escreveu dois trabalhos distintos sobre o tema: a já mencionada *História de Pugatchóv*, um texto que desde sua concepção se pretendia historiográfico, e um romance de ficção nos moldes de Walter Scott intitulado *A Filha do Capitão*.<sup>1</sup>

O texto da *História de Pugatchóv* é muito técnico com notas bastante extensas, em que o autor também detalha rumores e lendas aos quais teve acesso a partir de uma pesquisa oral realizada por ele em viagens aos lugares mais importantes em que ocorreram os eventos da revolta. Nesta obra, Púchkin tende a evidenciar bastante as

---

<sup>1</sup> Uma edição recente do romance *A Filha do Capitão* contém como Apêndice a tradução dos dois primeiros capítulos da *História de Pugatchóv*, livro ainda não publicado integralmente em português. Ver PÚCHKIN, Aleksandr. *A Filha do Capitão*. São Paulo: Ed. 34, 2022, pp. 185-205.

suas fontes documentais, as quais obteve em arquivos do Estado, e justificar com elas suas hipóteses. O caráter do texto é muito pouco opinativo e seu início é quase etnográfico, com muitas informações sobre os cossacos do Iáik, sua cultura e suas origens históricas, como se pode observar na seguinte passagem.

Os cossacos do Iáik cumpriam com obediência o serviço militar sob ordens de Moscou. Em casa, porém, preservavam sua forma original de governança. Completa equidade de direitos; atamãs e chefes eleitos pelo povo como executores temporários das decisões coletivas; rodas, ou conselhos, em que cada cossaco tinha liberdade de fala e todos os assuntos públicos eram decididos por maioria de votos; nenhuma deliberação por escrito; “para dentro do saco e para o fundo do rio”, a punição por traição, covardia, roubo e assassinato – eram estas características centrais de sua governança. Às simples e rústicas instituições trazidas do Don os cossacos do Iáik acrescentaram outras, locais, que diziam respeito à pesca, sua principal fonte de riqueza, e ao direito de empregar o número necessário de cossacos no serviço militar – instituições extremamente complexas e definidas com imensa sutileza”<sup>2</sup>.

É interessante notar ainda que a tradição oral, muito pouco presente no corpo do texto da *História de Pugatchóv*, restringindo-se principalmente às notas, é inversamente bastante utilizada no romance *A Filha do Capitão*.

Na época em que Púchkin escreveu estas duas obras, o czar era a pessoa que diretamente censurava os seus textos. Isso passou a ocorrer logo após o retorno do escritor de seu exílio no Cáucaso<sup>3</sup>, em 1826, quando ele foi chamado de volta a São Petersburgo por ordem do recém-coroadado Nicolau I. Muito se diz em estudos biográficos ou literários sobre a conversa franca que havia entre o poeta e o imperador, por conta da decisão de Nicolau I de ser ele mesmo o censor de Púchkin, mas uma das consequências mais duras desta decisão para o autor foi a de que, ao contrário da

<sup>2</sup> *História de Pugatchóv* (Excerto). Púchkin, Alexandr. *A Filha do Capitão*. op. cit., pp. 188-89.

<sup>3</sup> O exílio de Púchkin no Cáucaso foi ordenado pelo czar Alexandre I, em 1820. Deveu-se a alguns poemas e epigramas considerados subversivos. Cf. biografia de MIRSKY, D. S. *Pushkin*. New York: Dutton & Co, 1963.

burocracia do Estado, o czar não cumpria prazos, atrasando muito a publicação de seus textos e, conseqüentemente, o pagamento que ele deveria receber dos editores.

O trabalho final da *História de Pugatchóv* foi aprovado por Nicolau I e os estudos de literatura e cultura russa divergem sobre o motivo de uma obra historiográfica sobre este assunto interessar ao monarca naquele momento, pois, entre os anos 1820 e 1830, a situação política era extremamente delicada na Rússia, devido à campanha então em curso pela emancipação dos servos.

O cenário estava altamente conturbado justamente devido à expectativa de que o jovem imperador, tendo um aparente apreço pelo desenvolvimento do país e pela implementação de novas ideias, faria as reformas tão reivindicadas pelos jovens aristocratas desde o movimento Dezembrista<sup>4</sup>, atendendo ainda às demandas de uma classe ascendente de filhos de funcionários da burocracia do Estado. Contudo, a emancipação dos servos só viria em 1865, muito tempo depois da morte de Púchkin, também um defensor ardoroso desta medida.

Sejam quais forem os motivos de Nicolau I para o patrocínio desta obra, Púchkin se sentiu atraído pelo tema por razões próprias, pois era leitor assíduo de biografias, memórias e textos historiográficos. O poeta se relacionava com muitos intelectuais e escritores já consagrados em seu tempo, embora fosse muito mais jovem. Um de seus amigos mais próximos foi Nikolai Karamzin, membro da Academia das Ciências de São Petersburgo e o primeiro autor a tentar sistematizar uma história geral sobre a Rússia, desde a sua formação, chamada *História do Estado Russo*<sup>5</sup>. Trata-se de uma das

---

<sup>4</sup> O movimento Dezembrista foi organizado por um grupo de jovens nobres e culminou com um protesto ocorrido em Petersburgo, em 1825, na praça onde se localiza a estátua de Pedro I. Eles reivindicavam reformas e modernização do Estado. Muitos amigos de Púchkin participaram desse movimento. Em sua maioria, os manifestantes foram presos e mais tarde exilados na Sibéria. LIEVEN, Dominic (ed.). *The Cambridge History of Russia. Vol. II. Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 588.

<sup>5</sup> никола́й миха́йлович, КАРАМЗИ́Н. *Истории государства Российского*, 2019, Издательство Эксмо.

primeiras obras historiográficas da Rússia e uma das mais pormenorizadas de seu tempo. Karamzin foi seguramente uma influência importante entre os pensadores com quem Púchkin conviveu de perto.

A partir da análise de Svetlana Evdokimova, em *Pushkin's Historical Imagination*<sup>6</sup>, é possível identificar nas escolhas do autor para suas obras de fundo histórico certa coerência advinda de uma ideia de história construída pelo foco em momentos-chave da história russa. Assim, segundo ela, Púchkin elegeu objetos que representariam pontos de inflexão e que teriam mudado radicalmente o cenário político e social de seu país. Isso explicaria sua fixação ambígua na figura do grande reformador Pedro I, personagem-título do poema *O Cavaleiro de Bronze*, e também a eleição da insurreição de Pugatchóv como tema de seu único trabalho historiográfico.

A revolta de Pugatchóv foi de fato um evento traumático, que permaneceu no imaginário das elites russas durante décadas, devido ao caráter violento dos saques e invasões sucessivas de propriedades realizadas por seus seguidores. Surgindo entre os cossacos do Yáik, a insurreição se espalhou pelas populações dos Urais e ameaçou levantar os camponeses do Volga. Pugatchóv clamava ser o imperador Pedro III, o falecido marido de Catarina II. Como o czar teve seu corpo enterrado, a reivindicação do cossaco era frágil, mesmo porque o local em que vivia era longínquo<sup>7</sup>.

Contudo, havia na Rússia uma antiga tradição de falsos czares ou falsos herdeiros que reivindicavam o trono, embora seus duplos verdadeiros estivessem comprovadamente mortos. Em geral, esses movimentos em que um falso czar ou

---

<sup>6</sup> EVDOKIMOVA, Svetlana. *Pushkin's Historical Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1999, pp. 31-48.

<sup>7</sup> Ver ensaio introdutório de Paul Debreczeny para “A History of Pugachov (1834)” in *Pushkin, Alexander. The Captain's Daughter and a History of Pugachov*. Richmond: Alma Classics, 2012, p. 153.

pretendente reunia seguidores em número suficiente para promover uma rebelião ocorriam justamente entre cossacos e camponeses, em lugares remotos<sup>8</sup>.

Meu projeto focaliza especificamente as relações entre a pesquisa documental que Púchkin realizou para escrever *História de Pugatchóv* e as vertentes historiográficas já desenvolvidas neste período. A pesquisa busca entender o processo por meio do qual Púchkin concebeu uma ideia de historiografia, bem como identificar os padrões estabelecidos por ele ao perseguir esta ideia, levando em conta os estudos aos quais teve acesso antes ou durante a produção de sua *História de Pugatchóv*. Assim, o trabalho tem o propósito de inserir esta obra num contexto mais amplo, de filiação europeia.

Em resumo, trata-se de caracterizar as fontes empregadas pelo autor e compreender sua utilização no cenário de uma determinada concepção historiográfica, que, embora dialogasse com correntes da historiografia francesa, é bastante original e particular.

O primeiro capítulo desta dissertação versa sobre dois objetos: a obra de Púchkin contextualizada por meio de sua biografia e os principais acontecimentos da revolta liderada pelo cossaco Imelian Pugatchóv. No segundo capítulo, são apresentados principalmente os arquivos e documentos que Púchkin pesquisou para compor sua obra historiográfica. Aqui se pode constatar o trabalho minucioso de investigação realizado pelo poeta e as inúmeras dificuldades que ele precisou transpor para realizar seu intento, uma clara demonstração de que seu objetivo foi historiográfico desde a sua concepção. Pode-se observar ainda sua persistência em perseguir os parâmetros que, em sua idealização da obra, entendeu como necessários para alcançar estes objetivos. Já o

---

<sup>8</sup> Sobre falsos czares ou falsos herdeiros do trono, ver Montefiore, Simon Sebag. *Os Románov: 1613-1918*. São Paulo: Cia das Letras, 2016, pp. 58-63. Também posfácio de Irineu Franco Perpétuo para Púchkin A. S., *Boris Godunov*. São Paulo: Globo, 2007, pp. 161-62.

terceiro capítulo lida com os aspectos teóricos que constituíram a ideia de história e de historiografia de Púchkin.

## Capítulo I – Púchkin e a Revolta de Pugatchóv

Alexandr Serguêievich Púchkin nasceu em Moscou, em maio de 1799. Como seu pai era interessado em literatura e seu tio, um escritor de renome na época, Púchkin teve acesso a uma sociedade de escritores e intelectuais desde a infância. Em 1811, ele foi um dos escolhidos para integrar a primeira classe do Liceu de *Tsarkoe Selo*, criado por Alexandre I para a educação de jovens advindos de famílias proeminentes que iriam ocupar cargos importantes na administração do Estado. No Liceu, Púchkin conheceu alguns de seus amigos mais próximos, como Chaadaev e o príncipe Viyazenski, com quem ele manteria contato até sua morte, em 1837.

Ainda no Liceu, Púchkin ingressou na sociedade literária Arzamas, já sendo conhecido desde muito jovem como poeta. Seu primeiro poema narrativo *Ruslan e Ludmila* (1820) fez grande sucesso.

Após sair do Liceu, Púchkin teve um cargo nominal no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Nesse período, ele também escreveu poemas de conotação política, em que se colocava contra Alexandre I. Um destes poemas é *Liberdade*, uma ode pedindo a punição legal dos tiranos. Tais poemas chamaram a atenção das autoridades e Púchkin foi exilado para o Sul da Rússia. O exílio foi camuflado como transferência do serviço militar. Ele partiu para Ekaterinoslav, mas logo conseguiu viajar para a Crimeia e o Cáucaso, junto com a família do general Raevski. Lá ele escreveu três poemas narrativos, que juntos formam o chamado Ciclo Sulista: *O Prisioneiro do Cáucaso*, *A Fonte de Balkhchisarai* e *Os Ciganos*. Os três mostram influência de Byron na temática e caracterização dos personagens, bem como tramas aventurosas sobre amor e intriga em lugares exóticos.

A influência de Byron e da estética romântica em Púchkin foi motivo de controvérsia da crítica durante muito tempo. Críticos reconhecidos como D. S. Mirski defendem que o estilo poético de Púchkin é “francês” e clássico e sua característica mais peculiar, “particularmente desconcertante para o leitor romântico” é a falta completa do uso de imagens e metáforas. “As imagens de Púchkin são todas dependentes do uso feliz da *mot juste*, e a sua efetividade poética depende do uso da metonímia e figuras puramente verbais similares”<sup>9</sup>.

Mirski também aponta que a influência de Byron sobre Púchkin é fundamentalmente superficial e temática, não havendo real semelhança entre as obras de Byron e Púchkin. A forma e o estilo do último teriam permanecido inalterados mesmo após os poemas de tema Byroniano: “Os dois poemas devem ser vistos como exercícios impessoais sobre um tema emprestado”<sup>10</sup>.

Parte razoável da crítica tendia a ver a obra de Púchkin deste ponto de vista, considerando-o muito mais um poeta clássico “francês” do século XVIII do que um artista em diálogo com o seu tempo. A elegância do estilo e o rigor da forma são geralmente utilizados como evidência dessa interpretação.

Monika Greenleaf aborda essa questão em sua obra *Pushkin and the Romantic Fashion*, em que defende outro ponto de vista: a ideia de que a influência da principal corrente literária do seu tempo, o romantismo, foi determinante para a fina ironia de Púchkin e a sua capacidade de contenção em textos muito enxutos, mas também bastante elaborados<sup>11</sup>.

A atitude literária, pessoal e política de Púchkin em relação ao seu tempo também é focalizada por Sam Driver em *Pushkin Literature and Social Ideas*. Driver faz um retrato muito interessante de como o senso de Púchkin de pertencimento a uma

---

<sup>9</sup> MIRSKY, D. S. *A History of Russian Literature*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1949, p. 85.

<sup>10</sup> Mirski se refere aqui a *O Prisioneiro do Cáucaso* e *A Fonte de Balkhchisarai*. Id. *Ibid.*, p. 86.

<sup>11</sup> GREENLEAF, Monika. *Pushkin and the Romantic Fashion*. Stanford: Stanford University Press, 1994.

aristocracia desfavorecida por um sistema criado por Pedro I molda muito da sua visão sobre a sua dignidade pessoal e sobre o presente e passado da Rússia. Mais do que um homem do século anterior ou um romântico, Sam Driver evidencia, o que no conjunto das cartas de Púchkin é bastante claro, um escritor cuja mentalidade é muito próxima de outro grupo aristocrático da época, os Whigs da Inglaterra. Embora por vezes próximos aos radicais em suas posições, os Whigs possuíam um tipo de moderação centrada na tradição, mas também em um senso rígido de justiça e de limitação do poder real por uma classe dirigente formada por uma aristocracia muito antiga, tal como entendiam a si mesmos, e que de fato tivesse contato com o povo camponês<sup>12</sup>.

Em seu período de exílio, Púchkin também passou pela Bessarabia e Kishinev até conseguir, com ajuda da influência de amigos, transferência para Odessa, em julho de 1823. Depois de expulso do serviço militar, em agosto de 1824, ele seria transferido para Mikhaylovskoe, propriedade de sua mãe, e permaneceria lá sob vigilância não só da polícia, como do padre chefe do mosteiro mais próximo, só podendo deixar a propriedade no ano de 1826.

Ainda no exílio, Púchkin começou seu mais conhecido trabalho *Evgueni Oniêguin*, o “romance em verso”. Evgueni também é um herói egoísta, que rejeita o amor da ingênua e provinciana Tatiana para depois se apaixonar perdidamente por ela quando se torna a moça mais elegante de Petersburgo. Púchkin trabalhou nesta obra durante pelo menos sete anos e a mudança de tom, bem como a maturidade do poeta vão aparecendo conforme a leitura avança.

*Evgueni Oniêguin* combina a história de Evgueni e Tatiana com extensas digressões refletindo a opinião do poeta. Os protagonistas têm o caráter analisado

---

<sup>12</sup> Ver DRIVER, Sam. *Pushkin – Literature and Social Ideas*. New York: Columbia University Press, 1989.

psicologicamente, como vai ocorrer na literatura posterior, mas os personagens secundários são meramente satíricos.

Durante o tempo em que passou em Mikhaylovskoe, Púchkin terminou *Os Ciganos*, escreveu a peça de tema histórico com forte influência da tragédia shakespeariana *Boris Godunov*, o conto humorístico *Conde Nulin* e o segundo capítulo de *Evgueni Oniêguin*. No campo político, apesar de não ter participado da revolta Dezembrista de 1825, Púchkin tinha amigos entre os revoltosos e foi implicado, porque muitos tinham cópias de seus poemas políticos.

No âmbito literário, o poeta passou a escrever em prosa o romance inacabado *O Negro de Pedro, o Grande* (1827), sobre seu bisavô de origem africana<sup>13</sup>, do qual muito se orgulhava e que lhe rendeu grande número de ofensas preconceituosas proferidas por desafetos entre a intelectualidade de São Petersburgo. Escreveu ainda um poema narrativo chamado *Poltava* (1828), tendo também como pano de fundo o reinado de Pedro, o Grande.

Em 1826, com a ajuda de amigos influentes, ele conseguiu fazer uma petição para sair do exílio. No dia 8 de setembro, deu-se a famosa conversa entre o poeta e o novo Czar Nicolau I. Ao final dessa entrevista, na época considerada muito satisfatória para ambos, Púchkin foi libertado do exílio e Nicolau I se tornou o censor pessoal das suas obras. A partir desse momento, o conde Benkendorf, chefe dos *gendarmes*, tornou-se intermediário entre o poeta e seu augusto censor. Para alguém com o senso de dignidade pessoal, independência e honra tão sensíveis quanto os de Púchkin, a constante vigilância e, com o tempo, até auxílio financeiro vindo do Czar seriam uma constante preocupação e o colocaram na difícil posição de tentar ao máximo conciliar a manutenção da sua independência enquanto escritor e aristocrata de uma linhagem

---

<sup>13</sup> BARNES, Hugh. *The Stolen Prince. Gannibal, Adopted son of Peter the Great, Great-Grandfather of Alexander Pushkin, and Europe's First Black Intellectual*. New York: Harper Collins, 2006.

antiga com as suscetibilidades e idiossincrasias do monarca, bem como a indiferença, muitas vezes diretamente rude, de seu intermediário Benkendorf.

### **Pedro, o Grande**

Em *O Cavaleiro de Bronze*, de 1829, o tema de Pedro, o Grande reaparece tendo como cenário a grande enchente de 1824. No poema, um jovem chamado Evgene perde sua noiva. Ele acaba enlouquecendo, amaldiçoa a estátua de Pedro e foge, sentindo-se perseguido por ela. *O Cavaleiro de Bronze* tem como subtítulo *Um conto de Petersburgo*. Na abertura, Púchkin insiste na veracidade do que é narrado no poema e cita revistas como fontes seguras. Isso o aproxima da tradição do romance realista ocidental (Balzac, Dickens), ao mesmo tempo em que inaugura na literatura russa a grande tradição da qualidade surreal da vida de Petersburgo.

“Houve uma época terrível – da qual falaremos agora”. Assim começa a história. Neste momento, em meio à chuva e ao vento, divisamos Evgueni, o herói do poema. Este é o primeiro herói da literatura russa e um dos primeiros da literatura mundial a pertencer à grande massa urbana anônima, um funcionário público de baixo escalão. Aqui Marshall Berman fala dos modestos sonhos do personagem e de sua situação de vida: ele é pobre e está noivo de uma moça ainda mais pobre, que vive numa zona distante da cidade, mais sujeita às enchentes. Os sonhos de Evgueni são muito limitados. Contudo, mesmo pequenos, eles colidem trágica e radicalmente com a realidade que está prestes a desabar sobre a cidade. Na sequência, o poema começa a descrever a enchente: os elementos, que se acreditava, teriam sido dominados pela vontade imperial de Pedro, e cuja conquista Petersburgo deveria representar, teriam se vingado<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar; a aventura da modernidade*. 6º ed. São Paulo: Companhia das letras. 1988.

As imagens de Púchkin expressam aqui uma mudança radical de ponto de vista: a linguagem do povo – religiosa, supersticiosa, afinada às profecias, inflamadas pelos temores das trevas e do julgamento final – é mais significativa neste momento do que a linguagem racionalista e secular dos governantes que levaram o povo de Petersburgo a esse estado de coisas.

“O último czar (Alexandre I) ainda reinava gloriosamente naquele ano terrível”. Neste momento da poesia, Evgueni está na Praça de Pedro, à margem do rio. Trata-se da Praça do Senado, local da estátua do “Cavaleiro de Bronze”, de Falconet. O personagem está empoleirado num leão ornamental e tem os olhos fixos num ponto do horizonte onde morava Paracha, sua noiva. Mas de frente para ele está o “Cavaleiro de Bronze”, o ídolo, um deus que teria criado uma cidade de homens abandonados à sua própria sorte. No dia seguinte, as pessoas tentam recuperar suas coisas. Evgueni aluga um barco para ir até a casa de Paracha e lá nada mais existe. Depois disso, o personagem enlouquece. Muitos autores concordam que é esse final que confere o caráter trágico ao poema e posiciona a obra como um marco na literatura russa.

### **O falso Dimitri**

Em 1829, Púchkin conhece sua futura esposa Natalia Gontcharova, que se tornaria a beleza mais conhecida de seu tempo e o pivô do duelo fatal que mataria o poeta. O primeiro pedido de casamento foi feito no mesmo ano, mas rejeitado pela família, que esperava um noivo com melhor posição social e financeira. Mais tarde, Púchkin refaz seu pedido e se torna noivo de Gontcharova em 1830, casando-se com ela em 1831.

Em setembro daquele ano, Púchkin foi para a propriedade de Boldino, pertencente à sua família. A estadia de três meses, que fora planejada para durar apenas

alguns dias, foi prolongada pela epidemia de cólera. Este se tornaria o período mais produtivo de sua vida literária. No outono de Boldino, Púchkin escreveu os *Contos de Biélkin*, obra que consiste em cinco contos, cujas histórias teriam sido recordadas por um cavaleiro provinciano, que as ouviu de várias pessoas. Os contos ironizam os tipos e situações românticas.

Outra obra deste período é o conto em verso *A Casinha de Kolomna*. Também foram escritas em Boldino as assim chamadas *Pequenas Tragédias*, peças curtas que constituiriam um ciclo tanto formal como temático, de acordo com alguns críticos. As *Pequenas Tragédias* seriam consideradas por parte da crítica como sua melhor obra, consistindo em *O Cavaleiro Avaro*, *Mozart e Salieri*, *O Convidado de Pedra* e *O Festim nos Tempos da Peste*. Além destas grandes obras, foram escritos em Boldino o último capítulo de *Evgueni Oniêguin*, o primeiro de seus contos de fadas em verso e várias poesias líricas.

*Mozart e Salieri* é talvez uma das mais interessantes entre as *Pequenas Tragédias*. A peça parte do rumor de que Mozart teria sido envenenado pelo invejoso Salieri para desenvolver uma discussão profunda entre ética e estética, mito e verdade histórica, providência e livre arbítrio.

O mesmo é dito de Púchkin. Como observa Svetlana Evdokimova, em *Pushkin's Historical Imagination*<sup>15</sup> o acaso ou o “e se” tem uma relação profunda com a providência na obra do poeta. Ele inclusive se defendeu de acusações por estar usando um rumor injusto contra Salieri como base para a sua peça, alegando que era informação corrente que Salieri teria vaiado *Don Giovanni*, de Mozart. Em uma

---

<sup>15</sup> EVDOKIMOVA, Svetlana. *Pushkin's Historical Imagination*. New York: Yale University Press, 1999, pp.67-70.

anotação de 1832, Púchkin escreveu que “o invejoso que pôde vaiar o *Don Giovanni* poderia ter assassinado o seu criador.”<sup>16</sup>

Discorrendo sobre o poema *O Herói*, Evdokimova afirma que é clara na obra de Púchkin a oposição entre mito e realidade e como o mito pode propor uma verdade “mais elevada”, de maior valor moral e mais verdadeira em termos históricos do que a verdade puramente circunstancial.

Apesar de muitos críticos entenderem que a estética ou a relação entre ética e estética são centrais à peça de Púchkin, Vladimir Golstein situa o debate de Mozart e Salieri no campo religioso, considerando que nas quatro *Pequenas Tragédias* o cerne da discussão é a justiça divina<sup>17</sup>.

Salieri se interrelaciona no conjunto da obra de Púchkin com os personagens que por sua crença no saber objetivo e ciência empírica são incapazes de compreender o acaso e de enxergar uma linha mais ampla na cadeia dos acontecimentos. Entre estes, encontra-se Herman de *A Dama de Espadas*, *Boris Godunov* na peça homônima e o amigo do poeta no poema *O Herói*.

Essas personagens acreditam em sua força e no impacto de suas ações no mundo, mas frequentemente fazem as suas apostas perdendo de vista a outra metade do cenário: o imprevisto. São assim levadas ao fracasso de suas esperanças ironicamente por seu próprio desconhecimento dos fatos e pela relutância em logo de início aceitar essa ignorância. Essa luta expressa algumas questões de fato centrais na obra de Púchkin como a oposição entre história/realidade e mito, bem como o papel que a religião e a estética ocupam no interior desta discussão. É interessante notar que essas

---

<sup>16</sup> Citado por Irineu Franco Perpétuo in PÚCHKIN, Aleksander Serguêievich. *Pequenas Tragédias*. op. cit. p. 111.

<sup>17</sup> GOLSTEIN, Vladimir. “Puchkin Mozart and Salieri as a parable of salvation.” *Puskin’s Russian Literature*, Vol. 29, Issue 2, 1991.

personagens quase sempre se opõem a personagens intuitivas que veem no acaso oportunidade e no destino, amparo.

Provavelmente a mais dramática dessas oposições se dá na peça *Boris Godunov* entre o personagem título e o falso Dmitri: Grigori Otrépiev<sup>18</sup>. Além de ter como base a *História do Estado Russo*, de Karanzim, esta tragédia propõe uma discussão interessante sobre a relação histórica entre causalidade e acaso dentro da obra de Púchkin. Para Jurij Striedter, no artigo “Poetic Genre and the Sense of History in Pushkin”, a obra de Púchkin tem uma dimensão histórico-política mais contundente que a de Karamzin.

Pushkin's Godunov does not fail in spite of his sensible reforms, but rather because of them. On this plane, he becomes an example of the failure of rational conduct and the failure of enlightenment progress master the irrational in politics and history – the irrational manifesting itself no less in the persistence. What takes Vengeance on Boris is not so much the curse of his evil deed, rather his sinful underestimation of this irrational factors and of the dangers that arise when emotional resistance (in many of the Boyars well as in the people) meets the historical coincidence (the appearance of a false Dmitri). It was not for nothing does Pushkin attacked Polevoi and other historians of his age for overestimating the role of general ideas and principles in history, while underestimating the role of chance is one of history's "mighty weapons"<sup>19</sup>.

Evidokimova analisa esta posição e observa como as duas abordagens são limitadas e incompletas. O equilíbrio da estrutura trágica da peça se dá pela oposição entre duas abordagens que não permitem aos personagens de fato compreender o porvir.

---

<sup>18</sup> Grigori Otrepiev, nascido em 1582, ficou conhecido como o “Falso Dimitri” por se fazer passar pelo filho mais jovem do czar Ivan IV, alegando ter escapado da tentativa de assassinato que teria sofrido em 1591. Foi o mais bem sucedido dos três impostores que afirmaram ser Dmitri Ivanovitch, tendo reinado como czar entre junho de 1605 e maio de 1606, quando foi assassinado. Alcançou seu intento de governar reunindo grupos descontentes com o czar Boris Godunov, incluindo cossacos do Sul da Rússia.

<sup>19</sup> STRIEDTER, Iurij. “Poetic Genre and the Sense of History in Pushkin”. *New Literary History*. Vol 8, n 2, 197, p. 298.

No romance *A Filha do Capitão*, o líder cossaco Pugatchóv tem perfil semelhante ao destes personagens intuitivos. O impostor Pugatchóv, em conversa com o narrador-personagem Piotr Ándréitch Grinév, compara-se ao falso Dimitri: “Quem sabe? Talvez tenha sorte! Grichka Otrépiev não reinou sobre Moscou?”<sup>20</sup> Ao ouvir a resposta de Piotr, lembrando-o da outra face do triunfo do falso Dimitri – sua morte terrível e sem sepultamento – o impostor lhe responde com uma fábula que ouviu na infância:

Certa vez, uma águia perguntou ao corvo; - diz-me, pássaro-corvo como é que tu vives trezentos anos, neste mundo, e eu vivo apenas trinta e três? ‘É porque tu bebes sangue vivo, mãezinha, enquanto que eu me alimento de carniça’, respondeu o corvo. A águia pensou: ‘tentarei comer o mesmo’. Muito bem. A águia e o corvo levantaram vôo. Eis que viram um cavalo morto; desceram e pousaram nele. O corvo começou a dar bicadas fazendo elogios. A águia deu uma bicada, uma segunda, abandonou a asa e disse para o corvo: ‘Não, amigo corvo, em vez de eu ficar me alimentando trezentos anos de carniça, prefiro me encher, uma só vez, de sangue quente e, depois, que seja o que Deus quiser!’<sup>21</sup>

Claramente nessa passagem Pugatchóv se identifica com a águia, como no diálogo anterior se identificava com “Grichka Otrépiev”. Ambos não se importavam com o risco que estavam correndo e acreditavam em sua própria força, ainda que soubessem que provavelmente o caminho que estavam tomando iria levá-los a uma morte próxima e certa.

Essa caracterização das ações de Imelian Pugatchóv, em *A Filha do Capitão*, como se fossem guiadas pela oportunidade e sorte também aparece parcialmente na *História de Pugatchóv*. Mas o retrato do falso czar em *A Filha do Capitão* é bem mais

<sup>20</sup> PÚCHKIN, Aleksandr. *A Filha do Capitão*. op.cit. p. 96.

<sup>21</sup> Id.ibid.

ameno do que o representado na *História*, porque nesta obra o morticínio provocado por ele e seus homens é mostrado de forma bastante crua.

Em 1831, Púchkin pediu permissão para fazer pesquisa histórica nos arquivos governamentais. Depois que seus poemas nacionalistas sobre a revolução polonesa (1830-1831) foram publicados, ele foi oficialmente aceito no serviço oficial, com um salário modesto, para fazer pesquisa histórica. Este foi o período da escrita de *A Dama de Espadas* e da *História de Pugatchóv*.

### **O contexto**

Imelian Pugatchóv (1742-1775) era um cossaco do Don, região do Sul da Rússia assim chamada devido à proximidade do rio de mesmo nome. Era de fé ortodoxa e *Ataman*, espécie de chefe tribal. Serviu entre as tropas cossacas durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), em campanha na Polônia e na Guerra contra a Turquia de 1768-1774, durante a qual adoeceu e passou a sofrer de paralisia em uma das pernas.

Pugatchóv tentou se aposentar do serviço militar por causa da doença, mas não conseguiu autorização e ainda acabou envolvido em fugas de cossacos de sua família. Em 1770, decidiu desertar do exército imperial e passou alguns anos se escondendo. Nesse período, ganhou muita popularidade entre cossacos e camponeses do Don. Em 1772, chegou à cidade de Yaitsik se autoproclamando o verdadeiro czar Pedro III. Foi preso e enviado para Kazan, mas conseguiu fugir e, em agosto de 1773, reapareceu no exército cossaco do Yaik, quando conseguiu reunir grande número de seguidores entre as tropas da região.

A relação entre o governo central e os cossacos do Yáik foi marcada por idas e vindas, havendo maior ou menor lealdade da parte dos cossacos ao longo do tempo.

Quando a região foi inicialmente incorporada ao Império, os costumes e tradições das tribos foram mantidos praticamente intactos. Entretanto, a partir de 1721, quando as tropas cossacas foram subordinadas diretamente ao Colégio Militar e, nos anos subsequentes, com a introdução do monopólio do sal, o comércio praticado pelos cossacos foi seriamente prejudicado.

Em 1763, ocorreu a primeira explosão de indignação na região e, a partir daí, os cossacos enviaram várias petições com reclamações às cidades de Oremburgo e São Petersburgo. A oposição entre as intenções do governo central, que queria incorporar definitivamente os cossacos como destacamento militar do Império, e o seu próprio desejo de independência foi se acirrando, até que, em 1773, devido à sua recusa de enviar tropas para o governo, ocorreu o grande levante cossaco que, incorporando vários outros contingentes de camponeses e grupos étnicos e religiosos, tornou possível uma insurreição sem precedentes: a Revolta Pugatchóv.

A tensão também existia entre o governo central e os povos dos Urais e da região do Volga. A expansão dos postos militares e a alocação de outras populações nas terras que antes pertenciam aos povos nômades locais trouxeram muitas agitações e revoltas entre os bashkires, tártaros e kalmulks.

Os bashkires havia muito ocupavam uma região que se estendia da margem esquerda do Volga até o curso superior do rio Tobol. A incorporação dos bashkires ao Estado russo nas últimas décadas do século XVI se deu com base em acordos que permitiam a liberdade de culto (os bashkires eram mulçumanos), bem como o reconhecimento da posse da terra que ocupavam. As obrigações eram o fornecimento de tropas ao governo e imposto sobre a produção agrícola. Entretanto, ao assumir o poder em 1613, os Romanov passaram a desrespeitar as condições do acordo, o que levou a

uma série de rebeliões nos territórios ocupados pelos bashkires, também culminando com a revolta de Pugatchóv.

Outros que participaram ativamente do movimento foram os fiéis chamados “velhos crentes”, grupo religioso composto em sua maioria por camponeses que, após o cisma de 1652-1653, passou a sofrer perseguição religiosa. O cisma dividiu a Rússia entre fiéis da antiga ortodoxia e os adeptos das mudanças promovidas pelo patriarca Nikon. Essas mudanças pretendiam unificar a Igreja russa às outras igrejas ortodoxas existentes em territórios próximos e de fato teve um impacto positivo na expansão do Império russo para regiões vizinhas. Porém, abriu uma fenda interna entre a nobreza e o campesinato e provocou sérios traumas ao questionar a legitimidade do cerimonial antigo e dos santos russos, tidos como sagrados pelas camadas populares.<sup>22</sup>

Naquela região, houve ainda um agravamento das condições de vida, devido à indústria de extração de metal instalada ao longo do século XVIII. Nas chamadas “fábricas” (minas), as condições de trabalho dos camponeses eram mais pesadas e bem menos rentáveis, o que também provocava insubordinação entre os trabalhadores. Enquanto servos, os camponeses eram cedidos às fábricas, do governo ou da iniciativa privada, para executar os trabalhos de mineração. As minas tinham uma jornada maior e piores condições de trabalho, com o agravante de que os camponeses cedidos às fábricas perdiam a possibilidade de trabalhar em sua agricultura familiar, característica do sistema de servidão.<sup>23</sup>

De acordo com Philip Longworth, os falsos czares ou impostores surgiam em épocas de grande privação econômica e agravamento das condições de vida do

---

<sup>22</sup> ZENKOVSKY, Serge A. “The Russian Church Schism: Its Background and Repercussions”. *The Russian Review*. pp. 37-58.

<sup>23</sup> KOUTAISSOFF, E. “XVIII. The Ural Metal Industry in the Eighteenth Century. Essays in Bibliography Industry in Eighteenth Century”. *Essays in Bibliography and Criticism*. University of Birmingham. pp. 252-55.

campesinato, canalizando desta forma o descontentamento social. Ao menos 37 deles apareceram no século XVIII, sendo que 26 apenas no reinado de Catarina II, o que parece indicar ainda que as mudanças sociais e econômicas promovidas em seu reinado tiveram alguma importância para a eclosão dos levantes liderados por falsos czares.<sup>24</sup>

Os camponeses russos acreditavam que o monarca era sempre justo, de tal modo que leis ou práticas que os prejudicavam provinham da corte ao seu redor ou de conselheiros mal intencionados. A resolução do conflito entre leis injustas e a justiça inerente ao czar encontrou sua melhor formulação na ideia de que o czar seria ele mesmo um usurpador.

A construção do mito do monarca como usurpador surgiu, aparentemente, durante o reinado de Boris Godunov, na sequência da extinção da dinastia Riurik e ganhou força no “Tempo das Perturbações”, no início do século XVII. As crises de sucessão do século XVIII fortaleceram sua popularidade como meio de legitimar a ação de movimentos sociais, quando os “czares justos”, independentemente de suas credenciais duvidosas, tornaram-se cada vez mais efetivos em reunir grupos que expressavam o descontentamento popular.<sup>25</sup>

## O conflito

Nas condições precárias em que se encontravam camponeses, cossacos e grupos seminômades do Yáik e dos Urais, os rumores sobre um suposto retorno de Pedro III se espalharam rapidamente e vários impostores surgiram. No entanto, o fator unificador necessário para uma grande rebelião apareceu na figura de Imelian Pugatchóv, provavelmente não apenas devido à sua origem – era um *Ataman* cossaco, mas talvez

<sup>24</sup> Cf. LONGWORTH, Philip. “The Pretender Phenomenon in Eighteenth-Century Russia”. *Past and Present*. Number 66, pp. 66-8.

<sup>25</sup> “The rationalistic myth of the monarch as usurper had been born, apparently, during the reign of Boris Godunov, following the extinction of the Riurik dynasty and had gained force during the “Time of Troubles” early in Seventeenth-Century. The succession crisis of Eighteenth-Century served to strengthen its popularity means of legitimizing social action, and “just czars”, however doubtful their credentials, became increasingly effective in rallying fractionalized groups of discontented people.” Id. *Ibid*, p. 75.

ainda pela combinação de carisma pessoal com a importante percepção de que era necessário defender reivindicações que pudessem unir grupos distintos e expressar o seu descontentamento contra o governo central.

As promessas de Pugatchóv foram se tornando mais amplas à medida que seu movimento conseguia permanecer por mais tempo do que os de outros impostores. Seus decretos sobre a libertação dos servos foram muito importantes para a longevidade e também para a radicalização de seu movimento.

Ainda em 1773, com um destacamento de 80 cossacos fiéis, Pugatchóv partiu de Budarinsky e se dirigiu novamente ao Yáik. Mais apoiadores se juntaram ao longo do caminho e logo o destacamento já contava com 300 pessoas. Tentativas de invasão de fortalezas fracassaram devido às baterias com as quais contavam as fortificações, já que Pugatchóv não possuía canhões. No entanto, cada dia mais cossacos se juntavam aos rebeldes. Logo todos os cossacos de Yatsiky juraram lealdade a Pugatchóv e os revoltosos conquistaram a artilharia da cidade.

Tropas do exército imperial foram enviadas para Oremburgo, sob o comando do governador Reinsdorp, mas pouco sucesso obtiveram em combater a rebelião. Um dado importante é que, em várias batalhas, os soldados que defendiam as fortalezas ou os territórios locais acabavam passando para o lado dos revoltosos.

Deserções, falta de organização e decisões equivocadas de Reinsdorp e de outros comandantes favoreceram os seguidores do falso czar. Com o acúmulo de vitórias e novos recrutas, Pugatchóv se tornou uma grande ameaça para Oremburgo. Já aqui ele contava com um exército estimado em 2.500 homens, entre eles 1.500 cossacos de Yaitsik, Ileitsik e Oremburgo, 300 soldados desertores e 500 tártaros de Kargaly.

O movimento conseguiu realizar um cerco a Oremburgo, que se sustentou durante seis meses. Em outubro de 1773, o Colégio Militar de São Petersburgo recebeu relatórios dos governadores de Oremburgo e Kazan sobre o curso do levante. Enquanto novas tropas eram enviadas para Oremburgo, as autoridades tentavam abafar e, se possível, manter em segredo as notícias sobre a rebelião. Isso porque já havia na Europa central rumores de que um grande levante estava acontecendo na Rússia, o que evidentemente não era favorável ao governo de Catarina II.

As forças governistas recrutaram milhares de soldados das tropas regulares, milicianos e também cossacos, além de contar com artilharia pesada, mas tiveram sucessivas derrotas nos campos de batalha. Os seguidores de Pugatchóv chegaram a capturar um destacamento perto de Oremburgo, com 1.110 cossacos, em torno de 700 soldados, 500 Kalmyks, 15 canhões e um grande comboio. Esta vitória animou os revoltosos e inflou suas fileiras. Em síntese, até 1774, os exércitos dos comandantes governistas atacaram os revoltosos, mas foram mal sucedidos em todas as suas iniciativas.

Ao todo, estima-se que, no final de 1773, o exército principal de Pugatchóv, que estava estacionado nas proximidades de Oremburgo, consistia de 25 mil a 40 mil homens. O falso czar instituiu ali uma espécie de Estado Maior para controlar as tropas e exercer as funções de centro administrativo e militar, desempenhando ainda o papel de corte marcial. Ele mantinha correspondência com áreas remotas da revolta, enviando manifestos e decretos, arrecadava e distribuía dinheiro, provisões, munições e forragens.

Os manifestos de Pugatchóv geravam muita repercussão principalmente por terem sido escritos sob medida para cada grupo insatisfeito com o governo central. Pugatchóv buscava temas caros a estas populações, tendo em vista as diferentes etnias e a condição social de seus prováveis leitores. Para isso, foi fundamental a participação no

movimento de indivíduos pertencentes a estas populações, que conheciam de perto o seu universo e as questões que causavam insatisfação contra o Império.

A revolta deu particular atenção à organização militar, tendo sido realizada uma tentativa de organizar um exército formal, dividido em regimentos e separados por etnia ou grupo, com aplicação de exercícios militares e punição à deserção por corte marcial.

No início de 1774, os rebeldes se aproximaram de Ekaterinburgo, capturando ao longo do caminho a fortaleza Achitskaya e as fábricas Suksunsky, Bisertsky e Revdinsky. A esta altura, já estavam no comando da maioria das fábricas das regiões de mineração, sendo que 20 fábricas do Departamento de Mineração de Ekaterinburgo, o principal distrito de extração de minério, estavam sob o seu controle.

### **A repressão**

Quando as notícias das sucessivas derrotas dos exércitos governistas chegaram a Petersburgo, Catarina II nomeou o general-em-chefe A. I. Bibikov como o novo comandante do exército imperial. Seu corpo repressivo incluía 10 regimentos de cavalaria e infantaria, bem como quatro equipes de campo leve, enviados às pressas das fronteiras oeste e noroeste do Império para Kazan e Samara e, além deles, todas as guarnições e unidades militares localizadas na zona do levante.

Foi a partir desta nova configuração das tropas imperiais que a sorte começou a mudar para Pugatchóv. Em março de 1774, ele sofreu a primeira derrota importante, em Tatishiev. Os revoltosos perderam cerca de 2.000 homens, tiveram quatro mil feridos e capturados, além do prejuízo de toda a sua artilharia e comboio. Generais sob o comando de Bibikov conseguiram reaver vários territórios ocupados pelos rebeldes. Os

bashkires conseguiram resistir, mas a maioria das fábricas próximas a Ekaterinburgo acabou sendo conquistada pelos governistas.

O número de tropas deslocadas por Catarina II para reprimir a rebelião é por si só evidência da extensão do movimento e resiliência dos insurgentes. O exército imperial era evidentemente mais bem organizado e possuía maior número de baterias. Com grande superioridade em relação aos insurgentes, Bibikov seguiu conquistando vitórias expressivas. Ainda em março, 2.800 rebeldes foram aprisionados, incluindo lideranças como Maxim Shigaev, Andrey Vitoshnov e Timofey Podurov. O falso Pedro III fugiu, levando grande número de cossacos para a fortaleza de Pretchitenskaya e de lá para a região de mineração dos Urais do Sul. Os outros destacamentos foram perdendo terreno na região do Yaik e se dispersaram. Os restantes, reunidos pelo *Ataman* Ovtchínnikov, seguiram em direção aos Urais do Sul para se unir aos seguidores de Pugatchóv.

A. I. Bibikov faleceu em abril e Catarina II passou o comando das tropas para o tenente general Scherbatov. Golitsyn, aborrecido pela escolha de Catarina, permaneceu com suas tropas dispersas nos Urais. O degelo da primavera e as enchentes dos rios também atrasaram a perseguição aos rebeldes.

Nesse momento, as fábricas dos Urais se tornaram o principal refúgio e local de recrutamento de novos seguidores para o movimento. Estima-se que 64 das 129 fábricas da região tenham se unido à revolta. Os bashkires queriam adotar medidas extremas, como queimar as fábricas, mas a maioria dos trabalhadores conseguiu impedir ações violentas dessa natureza.

No verão de 1774, a vanguarda de Pugatchóv se aproximou da cidade de Kama, seguida pelo restante de seu exército. Eles estiveram de passagem por várias cidades e

vilas tártaras, onde foram bem recebidos, conseguindo provisões e homens, porém nem armas nem cavalos. Fustigados pelas forças imperiais, os rebeldes começaram a perder fôlego, o que obrigou o que restava de seu contingente a rumar para o Norte. Pugatchóv se dirigiu para Moscou e seus decretos sobre a libertação dos servos levaram ao levante de grande parte da região do Volga, quando pelo menos três mil nobres e funcionários do Estado foram mortos.

Nesta altura, o governo passou a temer um possível ataque a Moscou. A resposta de Catarina II foi destituir Scherbatov e conceder ao conde P. I. Panin o comando da repressão à revolta. Em agosto de 1774, ocorreu a última grande batalha do exército principal de Pugatchóv contra as tropas czaristas, quando ele perdeu mais de 2.000 homens e teve pelo menos seis mil feridos ou capturados. Levando consigo cossacos ainda fiéis, divididos em pequenos destacamentos, o falso Pedro III fugiu pelo Volga. Contudo, já em setembro, alguns cossacos pertencentes a estes destacamentos fizeram Pugatchóv prisioneiro, entregando-o aos comandantes do exército imperial em Yatsik.

## **O esquecimento**

O primeiro interrogatório de Pugatchóv foi conduzido pessoalmente pelo general Suvarov, que participou da última etapa da repressão à revolta e se ofereceu para escoltar pessoalmente o prisioneiro até Simbirsk, onde a investigação principal estava em curso. Suvarov é personagem muito importante no trabalho de pesquisa que Púchkin realizou sobre a revolta, o que será abordado no segundo capítulo desta dissertação.

Em Simbirsk, Pugatchóv foi interrogado pelo conde Panin, comandante das tropas punitivas do governo, e pelo major general P. S. Potionmkin, chefe das comissões secretas de investigação criadas por Catarina II. Seu objetivo era identificar

não apenas os participantes, mas também possíveis atores locais ou estrangeiros que poderiam ter fomentado a revolta. Também em Simbirsk, retratos do impostor foram encomendados a um pintor de ícones local, certamente para que sua aparência fosse conhecida, o que facilitaria as buscas caso conseguisse fugir.

Após a prisão de Pugatchóv, a maioria dos chefes bashkires e quirguizes se entregaram. Ainda assim, o governo teve dificuldade de conter a revolta nas fábricas de mineração. Até o verão de 1775, destacamentos armados de cossacos e camponeses fugitivos continuaram a causar perturbações e invadir propriedades ao longo de todo o Volga, obrigando os proprietários de terras que tinham acabado de retornar às suas casas a fugir novamente. Para reprimir essas atividades, os destacamentos punitivos passaram a enforcar os líderes locais que tinham sido indicados por Pugatchóv nas cidades conquistadas pela revolta.

Em novembro de 1774, todos os principais participantes do levante foram transportados a Moscou para uma investigação geral. A investigação foi liderada pelo governador-geral de Moscou, príncipe M. N. Volkonsky, e pelo secretário-chefe da Expedição Secreta do Senado, S. I. Sheshkovsky. Durante os interrogatórios, Pugatchóv deu testemunho detalhado sobre o início e curso do levante. Os investigadores tentaram descobrir se haveria agentes de Estados estrangeiros, religiosos cismáticos ou mesmo nobres entre os incentivadores da revolta. Durante os interrogatórios de P. S. Potiomkin em Simbirsk, Pugatchóv, sob tortura, denunciou a si mesmo e a vários conhecidos do período de suas andanças antes da rebelião como participantes de algum tipo de “conspiração cismática”, mas durante os interrogatórios e acareações realizadas em Moscou, descobriu-se que esta conspiração não existiu e que Pugatchóv havia dado este testemunho provavelmente por medo de continuar sendo torturado.

Catarina II mostrou grande interesse sobre o curso das investigações. Nos papéis de Moscou, foram preservadas várias notas da imperatriz para Volkonsky, com ordens sobre o modo como conduzir o processo, as questões que requeriam um trabalho mais completo e detalhado e quais testemunhas deveriam ser entrevistadas adicionalmente, entre outros temas. Isso mostra não apenas a importância deste levante para o seu governo, mas também o modo como ela centralizava o poder e conduzia as decisões mais importantes do Império.

No início de dezembro, M. N. Volkonsky e P. S. Potiomkin assinaram a decisão de encerrar a investigação, uma vez que Pugatchóv e outros interrogados não tinham nada a acrescentar ao seu testemunho. O Tribunal constituído no Palácio do Kremlin para o julgamento em Moscou decidiu que Pugatchóv seria esquartejado, que sua cabeça seria presa em uma estaca e as partes de seu corpo, separadas e queimadas. Os demais réus foram divididos em vários grupos de acordo com o grau de culpa estabelecido pelo Tribunal. Cada grupo recebeu um tipo de execução ou punição. Além de Pugatchóv, foram executados em Moscou 85 líderes do movimento.

No total, 12.438 pessoas passaram por interrogatórios realizados pelas comissões secretas estabelecidas por Catarina II. Ainda em Oremburgo e Kazan já tinham sido executados 42 líderes da rebelião. Vários participantes do movimento foram mortos quando aprisionados pelo exército czarista e outros também morreram durante o transporte, sob a custódia das tropas governistas.

Após as execuções, Catarina emitiu decretos para renomear todos os locais relacionados aos eventos da revolta. Assim, a aldeia de Zimoveyskaya no Don, onde Pugatchóv nasceu, foi rebatizada de Potiemkinskaya. O rio Yaik recebeu o nome de Urais, o exército Yaitsky se tornou o exército cossaco Ural, a cidade Yaitsky foi renomeada Uralsk e o cais Verkhne-Yaik foi rebatizado Verkhneuralsk. A casa onde

Pugatchóv nasceu foi queimada e seu nome anatematizado nas igrejas, sendo que não mais poderia ser proferido de modo direto.

O aspecto de silenciamento da história é tratado com ênfase por Púchkin em seu livro, principalmente quando ele se refere à mudança dos nomes dos locais onde a revolta começou: “Catarina, desejando destruir as memórias dessa época terrível, destruiu os nomes antigos dos rios cujas margens foram as primeiras testemunhas da perturbação.”<sup>26</sup>

## **Capítulo 2 – Arquivos, documentos e testemunhos**

<sup>26</sup> [ПУШКИН Александр Сергеевич. *полное собрание сочинений в десяти томах* X. Академия Наук СССР Москва Ленинград, 1951] p. 84.

A base deste capítulo é o livro *O Trabalho de Púchkin com Documentos de Arquivo para a História de Pugatchóv (Púchkin v Rabote nad Akhivimi Documentami Istoría Pugacheva)*, de Redginald Vassilievich Ovtchínnikov, publicado em Moscou, em 1969. Ovtchínnikov, estudioso da revolta de Pugatchóv, apresenta em sua obra os detalhes de todo o processo de pesquisa, seleção de documentos e elaboração de notas e registros de Púchkin para a escrita da *História de Pugatchóv*, publicada em 1835. O texto de Ovtchínnikov foi selecionado especialmente para esta pesquisa, porque ainda hoje é o estudo que de modo mais metucioso registra e também esclarece a extensa documentação disponível sobre a também chamada Guerra Camponesa de 1773-1775, sendo inclusive citado em pesquisas mais recentes.

A obra de Ovtchínnikov é assim fundamental para a compreensão dos objetivos de Púchkin ao escrever *História de Pugatchóv*. Analisando a sua pesquisa, vê-se que a obra do poeta era historiográfica desde a sua concepção e, mais do que isso, pode-se perceber a centralidade do documento para Púchkin e o rigor técnico que ele perseguiu ao realizar um trabalho de caráter historiográfico.

A tradução da obra de Ovtchínnikov é um trabalho inédito em língua portuguesa e não há notícia de que tenha sido publicado em outros idiomas. Escolhi utilizar em tradução livre várias passagens do livro que dão conta do extenso *corpus* documental, arquivos e fontes orais existentes sobre a revolta de Pugatchóv na época de Púchkin. Ovtchínnikov também faz considerações sobre Púchkin ter tido ou não acesso a essas fontes e de como ele pôde obtê-las, antes e mesmo após a publicação de sua obra.

Em seu estudo, Ovtchínnikov utilizou obras impressas e manuscritas de Púchkin: *A história da Revolta de Pugatchóv* (1834); fragmentos de rascunhos, manuscritos e provas de composição desse livro; a nota “Reflexão sobre a Revolta”, enviada a Nicolau

I, em janeiro de 1835; o artigo “História da Revolta de Pugatchóv”, publicado no III tomo da revista *O Contemporâneo*, em 1836; o Fundo de Manuscritos e Materiais de Púchkin sobre Pugatchóv e sobre o movimento que este liderou, além de suas anotações autorais incluídas nos chamados “Cadernos de Arquivo”. É importante observar que no “Fundo Pugatchóv” de Púchkin se encontram além das notas de sua autoria, documentos originais de 1774, entre estes duas ordens dos líderes da revolta e cópias de materiais de arquivo.

Ovtchínnikov também se debruçou sobre os arquivos estatais e pessoais existentes nos anos 1830, mas que permaneceram por algum motivo não utilizados, inacessíveis ou desconhecidos por Púchkin, o que possibilita indagar tanto sobre as condições dos arquivos existentes na época sobre a história da revolta camponesa, como também sobre o grau de conhecimento do assunto que o poeta possuía ou veio a possuir ao longo de seu trabalho.

Conhecer o contexto geral dos arquivos e do corpo documental disponível na época de Púchkin é de central importância para a compreensão da pesquisa que o poeta levou a cabo, tanto por contextualizar o quanto de fato ele pôde acessar do *corpus* existente (e conhecido na época), quanto para a compreensão do sentido que a documentação possuía nas primeiras décadas do século XIX na Rússia.

Outro grande interesse desse texto é que, ao enumerar as instituições e os documentos arquivados nestas instituições, Ovtchínnikov evidencia a vasta extensão geográfica e a gravidade dos eventos ocasionados pela revolta de Pugatchóv do ponto de vista da manutenção da organização social e do poder do Estado nas regiões atingidas pela insurreição. Por meio da enorme massa de documentos oficiais produzidos durante a revolta e o grande número de pessoas envolvidas na luta contra Pugatchóv – entre autoridades da administração central, militares de alta patente,

funcionários locais e provinciais, testemunhas oculares, juízes e mesmo a própria Catarina II – tem-se uma dimensão muito mais palpável da importância do evento e de suas consequências no contexto político e universo mental da Rússia no século XVIII.

Assim, torna-se compreensível o “eterno segredo e silêncio profundo” decretado por Catarina em torno da revolta camponesa e o trauma que ela efetivamente provocou entre nobres e proprietários de terras. O aspecto de silenciamento da história é tratado com ênfase por Púchkin em seu livro, principalmente quando ele se refere à mudança dos nomes dos locais onde a revolta começou: “Catarina, desejando destruir as memórias dessa época terrível, destruiu os nomes antigos dos rios cujas margens foram as primeiras testemunhas da perturbação.”<sup>27</sup>

### **Os Cadernos de Arquivo**

De acordo com Ovtchínnikov, o que Púchkin denominou “Cadernos de Arquivo” possui significado fundamental para a análise do processo de sua escrita nesta obra. Nesses cadernos, Púchkin inseriu cópias e resumos de documentos de arquivo, citações desses arquivos e várias notas, concentrando sua atenção nas fontes que para ele possuíam maior interesse. Os “Cadernos de Arquivo” contém as preparações documentais para a *História de Pugatchóv* e, em parte, para seu outro livro sobre este tema, o já citado romance *A Filha do Capitão*.

Em comparação com as fontes originais de arquivo, os “Cadernos” reconstituem a fase inicial do trabalho criador de Púchkin, a sua abordagem e sua concepção para a seleção, avaliação e análise dos documentos. Esses mesmos “Cadernos”, através da análise comparativa do seu conteúdo em confronto com o texto da *História de*

---

<sup>27</sup> ПУШКИН Александр Сергеевич. полное собрание сочинений в десяти томах X Академия Наук, СССР Москва Ленинград 1951, p. 84.

*Pugatchóv*, mostram também a etapa final do trabalho de Púchkin sobre as fontes documentais, possibilitando compreender a obra do escritor em sua reelaboração de sentido, ideia, linguagem e estilística dos documentos.<sup>28</sup>

Não se limitando ao estudo teórico das questões mencionadas, Ovtchínnikov empreendeu uma espécie de crítica genética da obra de Púchkin, comparando os “Cadernos de Arquivo” e o texto final da *História de Pugatchóv*, com suas fontes originais de arquivo e documentos guardados no Arquivo Histórico Militar Central e no Arquivo de Atos Antigos do Estado da Rússia.

Na época em que Púchkin começou a trabalhar em sua *História de Pugatchóv*, era bastante reduzida a bibliografia russa sobre essa revolta camponesa. Púchkin justificou esse fenômeno pelo risco de falar e escrever sobre o assunto durante o reinado de Catarina II, que havia ordenado o seu esquecimento.

No prefácio da versão manuscrita (pré-censura) da *História de Pugatchóv* e também em suas notas a respeito da revolta, Púchkin menciona três coletâneas de autores russos que, segundo ele, mereciam a atenção do historiador. São elas: *Notas sobre a Vida e Serviço Militar de A. I. Bibikov*, de A. A. Bibikov (1817), a *Resenha Histórica e Estatística sobre os Cossacos do Yaik*, de A. I. Levishin (1823), e *Mikhelson na Antiga Perturbação em Kazan*, de D. Zikhoviev (1807).

Púchkin também conheceu e avaliou o livro *O Falso Pedro III ou a Vida e Aventuras do Revoltoso Imelian Pugatchóv*, traduzido para o russo e publicado em 1809, contendo as mais fantasiosas informações sobre Pugatchóv. Púchkin chamou esse romance de “Vazio”, “Nulo” e “Tolo”.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> OVTCHÍNNIKOV, Redginald Vassilievich. *Puchkin v Rabote nad Akhivimi Documentami (Istoria Pugacheva*. Leningrad: Nauka, 1969, p. 46.

<sup>29</sup> OVTCHÍNNIKOV, Redginald Vassilievich. op. cit., p. 17.

## A Pesquisa em Arquivos

Púchkin adquiriu alguma experiência no trabalho com materiais de arquivo do século XVIII a partir de 1832, quando pesquisou documentos da época de Pedro, o Grande, particularmente os manuscritos de Pedro I, sob a direção de D. N. Bludov, K. S. Serbinovich e V. A. Polenov, no Arquivo Secreto do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Durante a comunicação diária com os funcionários do Arquivo, Púchkin recebeu as informações mais gerais sobre a composição dos arquivos estatais da Rússia e o conteúdo dos documentos neles armazenados.

É possível que ele tenha conseguido descobrir algo sobre o local onde estavam contidos materiais sobre o movimento Pugatchóv, que o interessaram de perto no início de 1833. Contudo, nesta época Púchkin não poderia saber muito sobre fontes privadas e menos ainda sobre fontes oficiais, já que desde o tempo de Catarina II quase todos os documentos sobre a insurreição tinham sido relegados ao "esquecimento eterno e profundo silêncio", sendo mantidos em arquivos secretos por constituírem segredo de Estado.

A primeira evidência do interesse de Púchkin sobre a revolta de Pugatchóv aparece na primeira carta que ele recebeu do Ministro da Guerra, A. I. Tchernitchev, em fevereiro de 1833. Na missiva, o Ministro perguntou a Púchkin: “Quais informações exatamente precisaria para a redação da *História do Generalíssimo Príncipe Italiysk Conde Suvarov-Rymniski?*”<sup>30</sup>. Em sua resposta Púchkin escreveu:

Os seguintes documentos, referentes à *História do Conde Suvarov*, devem estar nos arquivos do Estado Maior: 1) O Inquérito de Pugatchóv

---

<sup>30</sup>OVTCHÍNNIKOV, Redginald Vassilievich. op. cit., p. 47.

2) O relatório do conde Suvarov durante a campanha de 1794 3) O seu relatório de 1799 4) Suas ordens para o exército.<sup>31</sup>

Ovtchínnikov defende que esta correspondência pressupõe uma interação prévia entre Púchkin e Tchernitchev sobre a suposta “História de Suvarov”. O autor segue em uma discussão com a crítica púchkiniana anterior defendendo que Púchkin usou o tema Suvarov como artifício para convencer Tchernitchev a ceder materiais do Arquivo do Ministério da Guerra. O ministro, segundo Ovtchínnikov, era “um dos mais reacionários estadistas da época de Nicolau I”<sup>32</sup> e também não teria simpatia pessoal pelo poeta.

Em favor da tese do engodo premeditado por Púchkin, Ovtchínnikov reitera o fato de o poeta não ter solicitado nenhum documento referente ao início da carreira do General, notadamente suas campanhas mais célebres. Em toda a correspondência que manteve com o ministro da Guerra e outros funcionários do ministério, Púchkin demonstrou interesse unicamente na relação de Suvarov com a repressão à revolta de Pugatchóv, mantendo suas solicitações por documentos referentes apenas ao evento, mesmo após a publicação da *História de Pugatchóv*. Outro sinal desse artifício é o fato de que Púchkin recebeu diversos documentos valiosos sobre a carreira de Suvarov em outras campanhas, mas esses materiais não deixaram rastro nos manuscritos do poeta.

Como Suvarov participou da perseguição a Pugatchóv nas estepes da região do Volga durante a última etapa da revolta, no início de setembro de 1774, e, mais tarde, escoltando o chefe cossaco da cidade de Yáik a Simbirsk, Púchkin teria conseguido documentos sobre seu tema de interesse sem despertar suspeitas usando a fachada da “História de Suvarov”.

---

<sup>31</sup> Id. Ibid.

<sup>32</sup> Id. Ibid.

Púchkin manteve em segredo suas relações com o Ministério da Guerra do próprio Nicolau I e do conde A. KH. Benkendorf, contornando a tutela vigilante da Terceira Seção. Ao mesmo tempo, não divulgou as relações que mantinha com o seu augusto censor para o ministro da Guerra. Além disso, a pedido de Púchkin, sua correspondência com o Ministério da Guerra e seus arquivos foram lacrados. Desta forma, parece que suas reais intenções não eram conhecidas por ninguém naquele momento.

Ovtchínnikov argumenta que a carta a Tchernitchev indica ainda que o poeta conhecia de antemão quais “documentos referentes à “História do conde Suvarov”, estariam nos arquivos do Estado Maior. Tendo em vista essa circunstância, bem como o fato de que vários conhecidos de Púchkin trabalhavam no serviço público, o autor argumenta que Púchkin teria pelo menos um informante: Mikhail Danilovich Delario, secretário da Chancelaria do Ministério da Guerra. M. D. Delario (1811-1868) conheceu Púchkin no final da década de 1820. Seu pai, D. A. Delario, que, entre 1819 e 1832, foi chefe do Arquivo do Departamento de Inspetoria do Ministério da Guerra, conhecia bem a composição e conteúdo dos documentos, tanto da seção petersburguense deste arquivo como de sua seção moscovita.

O Ministro da Guerra enviou a Púchkin três livros “relacionados com a história do Conde Suvarov-Rymniksk”.<sup>33</sup> Folheando os documentos sobre Suvarov, que continham os relatórios do general entre 1789-1791, Púchkin se debruçou sobre os documentos originais da Revolta de Pugatchóv. Em dois enormes fólios, contendo mais de mil páginas, havia sido concentrada a correspondência do Colégio Militar, de 1773, relacionada com a organização da repressão à revolta. Nesses papéis, encontrava-se

---

<sup>33</sup> OVTCHÍNNIKOV, op. cit., p 47.

manifestos interceptados e também ordens de Pugatchóv e da cúpula militar dos insurgentes.

“Os documentos, que permaneceram 60 anos nos arquivos secretos militares da época de Catarina, de cuja existência só estavam cientes os funcionários de arquivo mais confiáveis, pela primeira vez se apresentaram aos olhos do historiador”<sup>34</sup>, afirmou Ovtchínnikov. Púchkin sempre salientou a origem oficial desses documentos, ou seja, que eles, em sua esmagadora maioria, vieram do campo dos adversários da revolta. Ele não só estudou a fundo dois volumosos fólhos como conseguiu copiar o mais importante deles no seus “Cadernos de Arquivo”. Tratava-se de mais de 120 documentos em forma de cópias, citações, resumos e notas esse trabalho, que constituíram a base documental da *História de Pugatchóv*, cuja primeira página foi escrita nesse período, inclusive.

Púchkin recebeu também oito livros do Fundo do Colégio Militar com documentos sobre a repressão à rebelião. Ele ficou sabendo ainda que as ordens de Suvarov para o exército e o inquérito de Pugatchóv não se encontravam no Arquivo de Moscou.

Ao receber em 8 de março de 1833 três “coleções de Suvarov”, da Seção Moscovita do Arquivo do Departamento de Inspetoria, Púchkin enviou no mesmo dia a A. I. Tchernitchev uma carta na qual agradecia ao ministro pelos materiais enviados e fez um novo pedido: que fossem remetidos a ele outros “documentos relacionados a Pugatchóv e ainda o relatório do general em chefe A. I. Bibikov do Colégio Militar e notas de P. M. Golitsyn e I. I. Mikhelson e A. V. Suvarov, de 1774, que não constavam dos dois livros sobre Pugatchóv enviados a ele anteriormente.

No total, Púchkin recebeu oito livros, contendo os relatórios do General Bibikov, Príncipe Golitsyn e Conde Suvarov–Rymniski. Estes oito livros tinham originalmente

<sup>34</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit., p.53.

pertencido a duas instituições que chefiaram as operações militares contra os seguidores de Pugatchóv, em 1773-1774. Eles continham os documentos da escrituração da Expedição Secreta do Colégio Militar de novembro de 1773 a dezembro de 1774 e parte de 1775. Também neste conjunto, estavam os documentos da Chancelaria de Campo do Comandante em Chefe do Exército A.I. Bibikov e F. F. Sherbatov, reunidos nos papéis da Expedição Secreta do Colégio Militar.<sup>35</sup>

Destes oito livros, Púchkin registrou em seus “Cadernos de Arquivo” por volta de 200 documentos. Em várias e extensas notas e algumas cópias, ele utilizou amplamente as cópias e redigiu notas para a escrita do quarto a oitavo capítulo da *História de Pugatchóv* cujos rascunhos foram concluídos em maio de 1833. O trabalho demandou do poeta longo e minucioso esforço que continuou até meados de agosto de 1833. Após concluir essa parte do trabalho Púchkin partiu em viagem para os Urais e região do Volga.

### **Arquivos e documentos**

Esses são os Arquivos existentes na época que possuíam documentação sobre a revolta de Pugatchóv: O Arquivo Secreto do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Arquivo Estatal dos Negócios Antigos de Petersburgo; Arquivo do Senado de Petersburgo; Arquivo Geral do Estado Maior Principal sob jurisdição do Departamento de Inspeção do Ministério da Guerra; Arquivo Geral do Estado Maior Principal do Ministério da Guerra (Seção Moscovita); Arquivo Geral do Estado Maior Principal do Ministério da Guerra (Seção Petesburguense); Arquivo Municipal de Moscou do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Arquivo de Oremburgo; Arquivo do Estado de Gorski.

---

<sup>35</sup> OVTCHÍNNIKOV, Redginald Vassilievich, op.cit. p. 58.

O Arquivo Secreto do Ministério dos Negócios Estrangeiros foi criado em 1829 para abrigar os documentos políticos importantes e, segundo Ovtchínnikov, com o objetivo de utilizar alguns deles na luta ideológica contra algumas tendências do pensamento social russo da época. Ainda em 1829, V. A. Polenov se tornou chefe do Arquivo, trabalhando em estreito contato com o Ministro dos Negócios Internos, D. N. Bludov, que, desde 1827, havia sido incumbido por Nicolau I da identificação e seleção de documentos sobre a história da família real e o desenvolvimento do movimento de libertação dos servos na Rússia. Em 1833, foram reunidos no Arquivo dos Negócios Estrangeiros os documentos do gabinete de Catarina II, a correspondência de Paulo I e Alexandre I com Napoleão, os materiais dos Gabinetes de Paulo I e Alexandre I, os arquivos do gabinete de Pedro I e alguns outros Fundos e papéis de arquivo.

Entre estes materiais havia documentos sobre as ações de Catarina II e de seus funcionários mais próximos na organização da luta contra o movimento insurgente de 1773-1775, escritos entre outros: Os mais importantes são os seguintes: Carta da imperatriz aos comandantes das tropas punitivas, Generais V. A. Kar, A. I. Bibikov, F. F. Shcherbatov, P. M. Golitsyn e P. I. Panin; Os relatórios desses generais sobre o curso das campanhas contra os destacamentos de Pugatchóv, de novembro de 1773 a setembro de 1774 e sobre a repressão aos últimos focos da revolta na região nas estepes do Volga, mas do Baixo Volga, Bashkir; Correspondência de Catarina II com o general P. S. Potiomkin sobre o inquérito de Pugatchóv na cidade de Yaitsky e em Simbirsk, em setembro-outubro de 1774; Papéis sobre o envio de Pugatchóv para Moscou.

A criação desse Arquivo demonstra a preocupação de organizar e catalogar a documentação oficial já arquivada, mas que se encontrava dispersa entre os diversos gabinetes. Púchkin examinou este Arquivo em 1832 e entre os anos de 1834-1836, incluindo os materiais do Gabinete de Pedro I.

Em 1833, o Arquivo Estatal dos Negócios Antigos de Petersburgo se destacava como o mais importante depósito de documentos sobre a Revolta Camponesa de 1773-1775. Os documentos sobre Pugatchóv estavam no Arquivo dos Negócios Antigos, entre os Fundos da Expedição Secreta do Senado, Comissão Secreta e diferentes Colégios e Gabinetes que atuaram na repressão ao movimento de Pugatchóv.

A Expedição Secreta do Senado dirigiu o inquérito e julgamento dos líderes mais destacados da insurreição. Entre os papéis desta Expedição, a compilação em três tomos do Inquérito de Pugatchóv e dos seus companheiros mais próximos ocupavam lugar central. Em Moscou, estavam os interrogatórios de Pugatchóv, I. N. Zarubin-Chika, M. G. Shigaev, A. P. Perfilyev, T. I. Padurov, M. D. Gorshkov, entre outros. Também encontravam-se em Moscou, o relatório para Catarina II do presidente da Comissão de Inquérito, M. N. Volkovsk, sobre o andamento do inquérito; notas de Catarina para Volkovsk e para o secretário S. I. Sheshkovsky e documentos sobre a execução da sentença contra os condenados. Nos materiais da Expedição Secreta estavam ainda documentos sobre pessoas que se interessaram pelo inquérito devido à curiosidade despertada pelos rumores disseminados a partir das atividades de Pugatchóv.

O Arquivo também mantinha vários materiais das comissões secretas, criadas por Catarina II, da expedição secreta em Kazan (1773-1775), Oremburgo (1774) e na cidade de Yaitsky (1774), para a produção do inquérito e julgamento dos prisioneiros insurretos e pessoas que em algum nível participaram da revolta. Nos papéis da Comissão Secreta de Kazan se encontravam documentos sobre: A prisão de Pugatchóv em 1772; O convencimento dos cossacos do Yaik para a retirada da localidade de Kuban; A fuga de Pugatchóv da prisão de Kazan em maio 1773; Materiais sobre o inquérito dos chefes cossacos de Pugatchóv: I. N. Beloborodov, I. N. Zarubin-Chika,

Salavat Iolaev, V. I. Tornov, G. I. Davidov; Documentos dos insurretos que foram interceptados.

Entre estes documentos também estavam papéis do chefe da Comissão Secreta de Kazan o general P. S. Potiomkin; o relatório dele a Catarina II sobre o trabalho das outras comissões secretas e seu apelo aos bashkires os chefes tradicionais das comunidades para a entrega do revoltoso Salavat Iolayev, entre outros.

Nos papéis da Comissão Secreta de Oremburgo estavam documentos sobre: A comissão de instrução; O inquérito sobre os líderes da revolta M. G. Shigaev, I. Y. Potchitalin, M. D. Gorshkov, A. T. Sokolov-Khlopusha, M. D. Tolkachev, T. I. Padurov; o interrogatório do chefe cossaco A. P. Perfilyev e de outros pugachevistas entre os cossacos do Yaitsky.

No Arquivo Estatal dos Negócios Antigos de Petersburgo estavam séries de Fundos de instituições centrais do Império Russo (Colégio Berg, Colégio de Economia, Colégio Kamer, municipalidade principal etc.), em que eram guardados diversos papéis e documentos dos anos de 1773-1775, relacionados aos eventos da Revolta de Pugatchóv.

Essa massa de documentos em geral relacionados com a campanha repressiva contra os insurretos ou com os interrogatórios deles permaneceu inacessível para Púchkin apesar de suas solicitações reiterados pedidos.

Em 1833, no Arquivo do Senado de Petersburgo estavam os “papéis sobre a perturbação de Pugatchóv”, concentrados nos materiais da Expedição Secreta do I Departamento do Senado, entre 1773-1775. Em sua composição, estavam: Relatórios municipais e provinciais e do Gabinete Militar; Relatórios de comandantes das cidades e fortalezas sobre o início e a posterior propagação da revolta nas províncias de

Oreburgo, Kazan, Nizhni Novgorod, Simbirsk, Voroneszh e Astrakhansk; Documentos sobre a formação e envio de tropas contra os insurretos; Documentos sobre as medidas de defesa de Moscou e da fronteira da província de Moscou, tendo em vista aos possíveis ataques dos destacamentos de Pugatchóv; Documentos sobre a difusão dos manifestos de Catarina II e Sínodo da Igreja Ortodoxa; Originais e cópias dos manifestos de Pugatchóv que foram interceptados pelas tropas do governo.

Entre 1773-1775, nos papéis do Gabinete do Procurador Geral do Senado, príncipe A. A. Vyazemsky estavam cartas e relatórios dos comandantes das tropas punitivas dos generais V. A. Kar, A. I. Bibikov, F. F. Sherbatov e dos governadores I. A. Reinsdorp, Y. L. Von Brant, D. I. Chicherin sobre a organização da luta contra a revolta. Havia também minutas e relatórios de Vyazemsky para Catarina II sobre o andamento do inquérito e julgamento de Pugatchóv em Moscou, em dezembro de 1774.

A partir de 1826, foram guardados no Arquivo do Senado materiais do processo judicial de Pugatchóv e de seus companheiros de armas. Esses materiais continham: O veredito de culpa do caso, atas das sessões de julgamento de 29-31 de dezembro de 1774; A sentença (condenação) assinada pelos membros do Tribunal após da aprovação do texto pela Imperatriz; Ordens do Senado aos governadores sobre a recepção e retenção de Pugatchóv e dos deportados e degredados aos trabalhos forçados.

Em 1835, por encargo da comissão do senador Mavrin, Polenov examinou os papéis secretos do Arquivo do Senado e selecionou entre eles 16 *in fólhos*. Alguns deles continham informações sobre vários criminosos de Estado, incluindo Pugatchóv. Em novembro daquele ano, todos esses papéis foram recebidos pelo Arquivo do Estado. Nesse mesmo ano, classificando papéis secretos no Arquivo do Senado, no conjunto de documentos lacrados com o número 69, ele encontrou materiais do processo jurídico de

Moscou contra Pugatchóv e seus seguidores. Esse caso foi acolhido na mesma época na guarda secreta do Arquivo Estatal.

Entre os papéis sobre Pugatchóv que estavam no Arquivo do Senado entre 1833-1835 estavam: A correspondência de Vyazemsky com Catarina II sobre o andamento do inquérito e do processo judicial em Moscou contra Pugatchóv; Os materiais sobre o próprio processo, que refletem a extensão da Insurreição Camponesa, seus desdobramentos para a vida do Estado e dos proprietários de terra na Rússia; O curso dos acontecimentos durante a última etapa da revolta.

Púchkin também não conseguiu acesso a esses documentos. Ainda em 1824, examinando a lista geral de documentos do gabinete de Catarina II, Nicolau I ordenou a transferência de um dos conjuntos sobre Pugatchóv para o Arquivo do Estado Maior Geral. Estes continham documentos sobre a revolta dos cossacos do Yaik em janeiro-julho de 1772<sup>36</sup>.

No entanto, em geral, os documentos existentes nessa coleção se referiam à revolta de Pugatchóv e à luta contra ele. Tratavam-se de relatórios dirigidos a Catarina II pelos generais A. I. Bibikov, de dezembro 1773 a abril 1774, F. F. Shcherbatov, de maio a junho 1774, e P. M. Golitsyn de julho a agosto de 1774, sobre a luta contra os destacamentos revoltosos e sobre a perseguição a eles nas montanhas dos Urais e na região do Trans-Volga além do relatório do general M. N. Volkonsk sobre a preparação defensiva de Moscou em julho de 1774.

Segundo Ovtchínnikov, Púchkin manifestou grande interesse pela personalidade do general Bibikov, que se caracterizava por certa liberdade de ideias em relação ao governo. Por duas vezes, em 1833 e 1835, Púchkin pediu ao Ministério da Guerra

---

<sup>36</sup> Depoimentos de testemunhas oculares e participantes da revolta, ordens de Catarina II sobre o envio de tropas punitivas do general F. Y. Freiman contra os insurretos e um relatório sobre a “pacificação” da revolta, entre outros.

permissão para acessar as últimas comunicações deste chefe militar<sup>37</sup>. Porém, os funcionários do ministério recusaram em ambos os casos.

O Arquivo Geral do Estado Maior Principal estava sob jurisdição do Departamento de Inspetoria do Ministério da Guerra e, por isso, os papéis oficiais traziam também o nome de Arquivo do Departamento de Inspetoria ou Arquivo da Inspetoria. Na seção petersburguense do Arquivo, estavam reunidos documentos do próprio Ministério. Nessa seção do arquivo, eram mantidos dois *in-fólios* contendo papéis sobre a etapa inicial da revolta Pugatchóv: Documentos da Expedição Secreta do Colégio Militar, de setembro de 1773 a janeiro de 1774; Informes dos governantes I. A. Reinsdorp e Ia, L. Von Brant sobre o sucesso inicial de Pugatchóv e a posterior propagação da revolta para o território da província de Oremburgo e significativa parte do território do leste da província de Kazan; Correspondências sobre o envio da expedição de tropas punitivas do general V. A. Kara; O relatório do general V. A. Kara ao Colégio Militar sobre a luta contra os insurretos em novembro 1773; Correspondências sobre a organização da expedição punitiva do general A. I. Bibikov, em novembro-dezembro de 1773; O relatório do general Bibikov sobre a ofensiva militar no interior dos limites rebeldes e o primeiro conflito com Pugatchóv.

Já na seção moscovita, eram mantidos materiais retirados em 1801 da Instituição do Departamento Militar – Fundos da Expedição e Chancelaria do Colégio Militar e ainda séries de outras instituições centrais e locais. Lá estava parte fundamental dos documentos representativos da organização e andamento da luta, bem como da repressão ao movimento Pugatchóv.

Púchkin teve a oportunidade de acessar esses dois *in-fólios*. Ele obteve esses documentos em fevereiro de 1833, por meio de carta ao ministro da Guerra, A. I.

---

<sup>37</sup> OVTCHÍNNIKOV Redginald Vassilievich, op. cit., p 33.

Tchernitchev. Nos “Cadernos de Arquivo”, Púchkin guardou dezenas de citações e cópias desses documentos, que foram utilizadas nos capítulos II, III e IV da *História de Pugatchóv* e, em parte, publicadas em anexo ao texto do livro.

Na seção moscovita do Arquivo Geral do Estado Maior eram mantidos materiais do Colégio Militar sobre a direção das operações militares contra os insurretos. Em três enormes *in-fólios* da Expedição secreta do Colégio Militar estavam documentos que fundamentalmente se referiam ao período de novembro de 1773 a dezembro de 1774; relatórios dos generais A. I. Bibikov, P. M. Golitsyn, P. D. Mansurov, F. F. Shcherbatov sobre as ações militares contra os insurretos de dezembro de 1773 a setembro de 1774 e, principalmente, a correspondência sobre o envio apressado dos regimentos armênios e dos regimentos cossacos de Petersburgo e da fronteira noroeste do Império, em julho e agosto de 1774, para a defesa de Moscou e repressão do movimento rebelde na região do Volga, entre outros materiais.

A direção da operação de “pacificação” do território ocupado pela revolta foi pessoalmente executada pelos comandantes das tropas punitivas. Podemos julgar as ações realizadas por eles por meio dos documentos da campanha militar do Gabinete dos Generais. Após a derrota do movimento Pugatchóv, os papéis sobre a campanha do Gabinete dos generais Bibikov e Shcherbatov foram transferidos para a Expedição Secreta do Colégio Militar e mantidos no seu Fundo.

Nos papéis do Gabinete do general Bibikov foram reunidos todos os informes e relatórios com o seu nome, de dezembro de 1773 a abril de 1774, dos comandantes de unidades militares subordinadas a ele, de autoridades locais, senhores de terra e donos de fábricas. Os documentos descrevem os eventos mais importantes do movimento Pugatchóv nesse período, além do avanço das tropas punitivas até Oremburgo, entre

janeiro e abril de 1774, e a destruição dos maiores focos da revolta em Samara, Ekaterinburgo, Ufa, Orenburgo, na cidade de Yaitsky e em Bashkir.

Entre os papéis sobre a campanha do Gabinete do general Shcherbatov, encontravam-se informes e relatórios com seu nome referentes ao período de abril-julho de 1774, dos comandantes das unidades das tropas punitivas de Orenburgo e da tropa e autoridades das províncias de Orenburgo e Kazan. Os documentos se referem à segunda etapa da dispersão do movimento rebelde às ações de Pugatchóv em Bashkir e nos Urais, à campanha da principal tropa ao longo de Kam até Kazan e a formação de um novo foco da revolta na região do Volga.

Como já mencionado, Púchkin obteve os papéis da Expedição do Colégio Militar e da campanha militar dos Gabinetes de Bibikov e Shcherbatov reunidos em oito livros, na seção moscovita do Arquivo Geral do Estado Maior Principal do Ministério da Guerra.

Na seção Moscovita do Arquivo Geral do Estado Maior Principal do Ministério da Guerra, em 1833, estavam outros Fundos do Colégio Militar, entre os quais papéis e documentos referentes aos eventos da revolta Pugatchóv, mas essas fontes permaneceram desconhecidas de Púchkin. Tratava-se dos papéis do Gabinete do chefe do Colégio Militar, G.A. Potiomkin; dos papéis do Auditor-geral da Expedição do Colégio Militar, contendo documentos do inquérito sobre a revolta dos cossacos do Yaik, em 1772, e sobre o grupo de artilharia que se juntou a Pugatchóv.

### **Ação contra rumores e boatos**

No Arquivo Estatal dos Negócios Antigos de Moscou estavam os papéis da seção moscovita da Expedição Secreta do Senado e parte dos papéis das Comissões

Secretas de Kazan e Oremburgo (1773-1774). Documentos dessas instituições esclarecem parte dos eventos do movimento Pugatchóv. Eram inquiridos sobre moradores de Moscou e da província Moscovita, que espalharam rumores sobre o sucesso de Pugatchóv e seus manifestos; minutas dos interrogatórios dos chefes cossacos de Pugatchóv, M. G. Shigaev, A.T. Sokolov-Khlopusha , N. A. Kargin, M. P. Tolkachev, I. Ia. Potchitalin, entre outros, e materiais de inquérito de muitos participantes da revolta.

Parte dos documentos sobre Pugatchóv da seção moscovita da Expedição Secreta do Senado foi solicitada em 1826 em Petersburgo, para a organização do caso dos dezembristas no Supremo Tribunal Criminal. Púchkin examinou oito maços desses documentos em 1835. Ele conseguiu esses papéis pelo Arquivo Estatal dos Negócios Antigos e mandou fazer cópias datilografadas deles, que foram guardadas no Fundo dos manuscritos do poeta sobre Pugatchóv.

No Arquivo Municipal de Moscou do Ministério dos Negócios Estrangeiros encontravam-se documentos do Colégio dos Negócios Estrangeiros, desde os anos 70 do século XVIII. O arquivo foi aberto por ocasião da difusão da Revolta de Pugatchóv na esfera diplomática: há materiais sobre a propagação na Suécia de rumores sobre as vitórias de Pugatchóv e sobre tentativas de políticos suecos de usar a revolta com objetivos contrários à Rússia. Referindo-se a 1773-1775, havia correspondência do Colégio sobre o castigo dos cossacos que participaram da revolta, e a correspondência referente a comandos para o povo cossaco de Derbets e Dundukovsky.

Já durante a insurreição camponesa de 1773-1775, os diretores do Arquivo, os acadêmicos G. F. Miller e N. N. Bantysh-Kamensky, começaram a reunir documentos e manuscritos relacionados à revolta. Assim, na série de “Coleções Históricas” do Arquivo foram introduzidos: Manuscritos do chefe militar do Yaik M. M. Borodin; O

relato denominado Descrição da revolta dos Cossacos do Yaik, em 1772; *A Descrição do Cerco de Seis Messes de Duração a Oremburgo*, crônica de autoria de Rychkov; Uma seleção dos relatórios do general F. Y. Freiman sobre a repressão da revolta no Yaik, em 1772.

Na coleção Relações do Governo Russo com Governantes Locais e Funcionários Públicos sobre Assuntos Internos entraram vários relatórios do príncipe M. N. Volkonsky: sobre a ação em Moscou contra a difusão dos rumores sobre a revolta; as medidas defensivas para a cidade entre julho e agosto de 1774, devido aos avanços das divisões revoltosas, o andamento do inquérito sobre Pugatchóv e seus companheiros de armas, em novembro-dezembro de 1774, e sobre a execução de Pugatchóv.

### **Arquivos particulares e coleções familiares**

Na coleção Bantysh-Kamensky, figuravam: Cartas do Arquimandrita do Mosteiro Novospaskov, em Kazan; Cartas de P. Lyubarsky sobre a formação do movimento rebelde em Oremburgo e Kazan; Um exemplar da obra de Rychkov; Descrição do Cerco de Seis Meses de Duração a Oremburgo; Cópias das cartas de Bibikov, Golitsyn e Reisndorp sobre a derrota dos revoltosos, na primavera de 1774.

A coleção de Bantysh-Kamensky, junto com a pasta sobre Pugatchóv de Miller, esteve em poder de Púchkin, em 1835. Ele acessou essa coleção ainda antes da publicação da *História de Pugatchóv*. Mas esses papéis não deixaram rastro qualquer nos seus manuscritos. Em 1834, o historiador D. N. Bantysh-Kamensky, filho do colecionador, historiador e funcionário do Arquivo, enviou ao poeta séries de artigos biográficos sobre as ações do movimento Pugatchóv e seu apaziguamento, além de cópias e originais de alguns documentos da coleção de seu pai. D. N. Bantysh-

Kamensky também ofereceu a Púchkin o retrato de Pugatchóv com as gravuras da coleção de N. N. Beketov e um desenho com o selo de Pugatchóv para a *História de Pugatchóv*. Em carta de maio de 1834, Púchkin informou Bantysh-Kamensky que já havia mandado gravar o retrato de Pugatchóv com base no original que ele tinha consigo. O desenho com o selo de Pugatchóv enviado por Bantysh-Kamensky ele mandou gravar para a reprodução em seu livro.

No embrulho de D. N. Bantysh-Kamensky, poderiam estar mais dois documentos originais, provindos do acampamento de Pugatchóv e que foram guardados entre os materiais reunidos por Púchkin sobre a insurreição. No caso, a ordem de Pugatchóv ao coronel Bakhtiar Kankaev, de 13 de julho de 1774, sobre a formação de destacamentos de russos e bashkires “para um grande exército” e ordens do Estado-Maior de Pugatchóv ao capitão de cossacos Salikh Navruzov (da mesma data) sobre o envio por correio para o destacamento de Bakhtiar Kankaev. Esses documentos poderiam ter chegado juntamente com o arquivo de campanha Bakhtiar Kankaev, capturado no início de agosto de 1774, durante a derrota do destacamento rebelde na vila pesqueira perto de Kazan.

Sessenta anos depois, esses documentos estavam entre os papéis de Púchkin. Depois da sua morte, eles se encontravam no arquivo doméstico mantidos pelos descendentes do poeta, inicialmente em Petersburgo e posteriormente na propriedade deles, no município de Bronnitsik, na província de Moscou. Em 1833, o neto do poeta Grigori Alexandrovitch, cedeu esses papéis ao Museu Estatal de Literatura e rapidamente as duas ordens de Pugatchóv foram publicadas por P. S. Popov.

Miller, famoso colecionador de documentos, reuniu uma rica coleção de documentos e memoriais sobre Pugatchóv, copiada de mais de 900 pastas de fontes manuscritas (entre originais, cópias e longos e numerosos extratos) sobre a história,

geografia e cultura russas dos séculos XIII ao XVIII. Parte dos materiais da pasta de Miller sobre Pugatchóv foi conseguida por Púchkin a partir de Moscou, em outubro de 1835. Ele examinou os papéis e encomendou cópias de escrivão com as notas de I. Polyansk e I. Osipov sobre o cerco de Oremburgo. Essas cópias foram mantidas no conjunto dos seus papéis sobre o movimento Pugatchóv.

A pasta de Miller incluía: As notas dos religiosos de Oremburgo I. Osipov e I. Polyansk sobre o cerco de Oremburgo pelas divisões de Pugatchóv; A história de P. Lyubarsky sobre o ataque de Pugatchóv a Kazan, em 12 de julho de 1774; Um extrato da Chancelaria da província de Oremburgo; Cópias de correspondência oficial.

Púchkin também obteve acesso a materiais de alguns arquivos e coleções familiares em Petersburgo. Porém, muitos arquivos pessoais de homens de Estado do período de Catarina não foram acessíveis a Púchkin. Ovtchínnikov afirma que vários fatores contribuíram para isso: a sua falta de conhecimento sobre a existência de tais coleções, a relutância por parte dos proprietários dos arquivos familiares de permitir o acesso a eles a quem quer fosse e mais precisamente a Púchkin<sup>38</sup> Ele também não pôde conhecer os arquivos dos destacados homens de Estado da administração de Catarina, que deixaram coleções robustas, principalmente sobre sua participação pessoal na luta contra Pugatchóv.

O comandante em chefe das tropas do Estado, o general P. N. Panin não quis ceder os papéis da sua Chancelaria Militar para a coleção do Colégio Militar e os levou para a sua propriedade de Smolensk Duguino, onde eles permaneceram quase desconhecidos para os historiadores até 1918. Na Chancelaria Militar de P. N. Panin estavam quase três dezenas de papéis da Expedição Pugatchóv, de outubro de 1773 a agosto de 1775.

---

<sup>38</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit, p. 39.

Na coleção de C. I. Mavrin, capitão-tenente da Guarda e membro da Comissão Secreta em Kazan, Oremburgo e Yaik, estavam minutas sobre o interrogatório de Pugatchóv na cidade de Yaik e em Simbirsk e relatórios sobre o inquérito de Pugatchóv e A. P. Perfilyev, entre outros líderes da revolta. No arquivo de G. D. Derzhavin, encontravam-se documentos relacionados com sua atividade como emissário e agente da Comissão Secreta de Kazan.

Nos papéis outrora pertencentes ao procurador geral do Senado Principal, A. A. de Vyiazemsky, foram introduzidas cartas do governador de Astrakhansk (P. N. Krechetnikov) e de Simbirsk (D. I. Chicherin) sobre a luta contra os revoltosos nas suas respectivas províncias.

Outras testemunhas dos eventos daquele período possuíam coleções que foram deixadas aos seus descendentes, séries de documentos sobre Pugatchóv e sobre o seu movimento (as coleções de M. N. Volkonsk, S. D. Poltoratsky, G. Y. Sevastyanov).

O poeta e amigo de Púchkin, príncipe P. A. Vyiazemsky, escritor da biografia de D.I. Fonvizin com materiais do arquivo familiar de Fonzin, cedeu a Púchkin uma carta de A. I. Bibikov ao autor em 1773-1774 “junto com outros papéis valiosos” da época de Pugatchóv.

Outro dos informantes de Púchkin foi A. P. Galakhov fornecendo ao autor da História de Pugatchóv documentos do arquivo familiar dos Galakhov. Estes documentos eram relacionados com a incumbência dada por Catarina II ao avô do contemporâneo de Púchkin, capitão da guarda do registro reformados Aleksandr Pavlovich Galakhov (1739 - fim do século XVIII). No início de agosto de 1774 a Imperatriz acreditou em um conluio dos cossacos do Yaik contra Pugatchóv e enviou Galakhov como chefe da comissão especial de Petersburgo à região da revolta, onde, como presumido, os

conspiradores deveriam entregar Pugatchóv e receber pela cabeça dele 32 000 rublos. Mais tarde, em outubro de 1774, Galakhov foi nomeado chefe da escolta de comando, que conduziu o prisioneiro Pugatchóv de Simbirsk a Moscou e esteve com ele até 10 de janeiro de 1775, dia da execução dos principais atores da revolta.

Galakhov guardou consigo os seguintes documentos: Ordem aberta de Catarina II de agosto de 1774 sobre o fornecimento a ele do indispensável auxílio de todas as autoridades; Instruções de Catarina II a Galakhov sobre as suas tarefas e poderes; Carta do conde P.I, Panin a Galakhov de setembro de 1774 sobre a coordenação das ações da comissão com as operações militares dos exércitos punitivos; Ordem de Panin a Galakhov, de outubro de 1774, sobre a manutenção da ordem e a vigilância sobre Pugatchóv que havia sido entregue em Simbirsk; Carta de Panin a Galakhov, de outubro de 1774, com ordem para uso de uma soma extraordinária.

De Galakhov, esses documentos passaram para seu filho P.A. Galakhov (1776-1838) e dele para seus filhos Alexandr Pavlovitch e Serguei Pavlovich Galakhov. Os irmãos Galakhov conheceram Púchkin ainda no tempo do Liceu. Embora não mantendo uma relação de amizade com o poeta, eles o conheciam e, como todos os alunos do Liceu, acompanhavam sua carreira literária.

Quando, em 1833, Púchkin começou a reunir fontes para a *História de Pugatchóv*, A.P. Galakhov, nessa época ex-capitão de cavalaria da Guarda Imperial, concedeu ao poeta o uso de todos os papéis reunidos pelo seu avô A. P. Galakhov. Púchkin publicou nos apêndices da *História de Pugatchóv*, três documentos dentre esses papéis: A “instrução” de Catarina II a Galakhov, de agosto 1774; A carta de Panin a Galakhov de setembro de 1774; A carta de Catarina II a Galakhov de setembro de 1774.

Nas notas do capítulo VIII da *História de Pugatchóv* ele ressalta: “Pelas informações dos papéis reveladores das relações de Perfiliev com o governo (cujo caráter é totalmente desconhecido) devemos agradecer A. P. Galakhov, neto do capitão da guarda a quem foram atribuídas missões importantes naquele tempo<sup>39</sup>”.

### **Viagem aos locais da revolta**

Apesar de toda a pesquisa bibliográfica e documental empreendida por Púchkin, ele não estava completamente satisfeito. O poeta decidiu visitar a região do Volga e Oremburgo, onde ocorreram os principais eventos da rebelião, para examinar pessoalmente, reunir lendas e tradições populares das testemunhas oculares ainda vivas, além de conhecer os documentos que provavelmente existiam sobre Pugatchóv nos arquivos locais.

Para a projetada viagem, Púchkin precisava da autorização do Czar, devido às condições estabelecidas quando do seu retorno à capital. Assim, em 22 de julho de 1833, Púchkin pediu permissão a A.K. H. Benkendorf para viajar por dois a três meses pelas províncias de Nizhni Novgorod, Oremburgo e Kazan:

As circunstâncias me obrigam em breve a viajar por 2 a 3 meses a minha propriedade em Nizhni Novgorod. Eu gostaria de aproveitar o ensejo e visitar Oremburgo e Kazan, que eu ainda não conheço. Peço a Vossa Majestade que permita que eu conheça os arquivos dessas duas províncias.<sup>40</sup>

Púchkin não revelou nessa carta o caráter dos planos literários relacionados com a coleta de materiais adicionais para a *História de Pugatchóv* e o romance *A Filha do Capitão*. Também não indicou os motivos pelos quais era importante para ele conhecer

---

<sup>39</sup> OVTCHÍNIKOV, Redginald Vassilievichp. op. cit., p. 60.

<sup>40</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit., p.61.

os arquivos de Kazan e Oremburgo. O administrador da Terceira Seção do Gabinete pessoal de A. P. Morodinov, em carta de 24 de julho de 1833, interrogou Púchkin em nome de Nicolau I sobre os objetivos concretos da sua viagem a Oremburgo e Kazan: “Vossa Majestade ... manifestou a sua augusta vontade de saber o que o induziu a viajar a Oremburgo e Kazan e por qual motivo quer deixar a tarefa que se impôs a vós” [a tarefa de pesquisar nos arquivos].

Na carta em que respondeu a esse funcionário, Púchkin não revelou o verdadeiro objetivo de sua viagem, que era justamente coletar informações sobre a história da revolta de Pugatchóv. Ele escreveu sobre a necessidade de “descansar de importantes tarefas”<sup>41</sup> e “terminar um livro há muito ... começado”<sup>42</sup>. Afirmou ainda que

Pode ser que o Soberano queira saber qual é o romance que eu quero terminar na província: é um romance cuja maior parte da ação ocorre em Oremburgo e Kazan e por isso mesmo eu queria visitar essas províncias<sup>43</sup>.

Em agosto de 1833, ele recebeu a “augusta permissão” de Nicolau I para os quatro meses de folga e para a viagem a Oremburgo e Kazan. Ao mesmo tempo a Terceira Seção expediu uma ordem secreta ao governador e aos órgãos policiais locais para realizarem uma vigilância encoberta da viagem do poeta.

Ovtchínnikov acredita que Nicolau I, Benkendorf e a Terceira Seção com todo o seu aparato de vigilância, teriam, contudo, sido surpreendidos pelo fato de que Púchkin, ao retornar a Petersburgo, tenha trazido a *História de Pugatchóv* e não uma história de Pedro I ou o suposto romance que teria motivado sua visita a Kazan e Oremburgo. Mais

---

<sup>41</sup> Id. Ibid.

<sup>42</sup> Id. Ibid.

<sup>43</sup> Id. Ibid.

uma vez, Púchkin teria recorrido a formas de enganar o aparato repressivo e com sucesso<sup>44</sup>.

Em agosto de 1833, Púchkin partiu de Petersburgo a Moscou. Na viagem, levou consigo o rascunho da *História de Pugatchóv*, livros que lhe eram necessários como referência e também os “Cadernos de Arquivo”, indispensáveis para a elaboração final do seu livro, que ele tencionava realizar depois da viagem a Kazan e Oremburgo, passando para isso muito tempo em Boldino. Depois de curta estada em Moscou (ele se dirigiu à Nizhni Novgorod, aonde chegou em setembro daquele ano).

Sobre o Arquivo de Oremburgo Ovtchínnikov afirma que ainda que nenhum documento sobre Pugatchóv tenha restado no arquivo na segunda metade do século XX, foi possível descobrir a existência de um extenso corpus de correspondência do Gabinete da Província de Nizhni Novgorod, e principalmente entre julho e agosto de 1774, quando Pugatchóv atravessou para a margem direita do Volga e instalou uma operação ativa envolvendo os camponeses dessa região em sua revolta. No entanto o estado desses documentos quando Púchkin visitou o arquivo permanece desconhecido bem como as circunstâncias em que esses materiais foram perdidos. No Arquivo do Estado de Gorski, estava somente a seção de materiais do Fundo do Gabinete de Guerra de Kurmyshinsk, de 1775, destacando as implicações econômicas do ataque dos destacamentos de Pugatchóv a este município, em julho de 1774.

Segundo Ovtchínnikov, Púchkin na sua passagem rápida de dois dias por Nizhni Novgorod não teria tido condições para acessar nenhum documento sobre Pugatchóv. Para reforçar essa argumentação, Ovichinikov cita M. P. Buturlinn, que recebeu Púchkin em sua casa e que estaria, portanto, muito bem informado sobre a estada do poeta em Nizhni Novgorod Buturlinn escreveu:

---

<sup>44</sup>OVTCHÍNNIKOV, op. cit., p. 49.

Púchkin há pouco tempo nos visitou. Eu, sabendo quem ele é, o cumulei de atenções, mas, é preciso confessar, não acredito de forma nenhuma que ele tenha viajado atrás de documentos sobre a Rebelião de Pugatchóv. Deve ser que lhe foi dada uma incumbência secreta de reunir informações sobre o mau estado (dos arquivos)<sup>45</sup>.

Se Púchkin tivesse trabalhado no Arquivo de Nizhni Novgorod é provável que Buturlinn tivesse conhecimento disso. O poeta, entretanto, teria indicado a proveniência do Arquivo de Nizhni Novgorod de materiais usados na *História de Pugatchóv* com o fim de ocultar de Nicolau I e da Terceira Seção que ele teria obtido acesso aos Arquivos Secretos do Ministério da Guerra sem o conhecimento deles.

Púchkin nenhuma vez se referiu, na *História de Pugatchóv*, aos documentos do Arquivo do Ministério da Guerra, embora a grande maioria de dados documentais para sua monografia ele extraia dessa mesma fonte.<sup>46</sup>

Essas falsificações ocorrem frequentemente nas atividades literárias de Púchkin por meio do uso da linguagem esópica, que mais de uma vez induziu ao erro não só os contemporâneos do poeta como os pesquisadores subsequentes da sua obra.

Sobre o Arquivo de Kazan, Ovtchínnikov declara que o arquivo não possuía documentos sobre a Revolta de Pugatchóv. Púchkin nos dois dias que passou em Kazan se limitou a reunir informações orais dos veteranos locais V.P. Babin e L. F. Kruzansk”, anotando em parte memórias relatadas por eles. O poeta também conseguiu muitas informações em conversas com os veteranos e estudiosos K. F. Fuks, E.P. Pertsov, M. S. Rybushkin. Na região de Kazan, ele visitou locais relacionados com os eventos da rebelião de Pugatchóv: o subúrbio de Sukonn, de onde os rebeldes começaram o ataque a Kazan em julho de 1774; o campo de Arsk e o moinho de Troisk, onde ficava o

<sup>45</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit., p. 64.

<sup>46</sup> Id. Ibid., p. 65.

acampamento de Pugatchóv e aconteceu a luta sangrenta dos insurgentes contra as tropas do coronel I. I. Mikhelson. O Kremlin de Kazan resistiu com dificuldade ao bombardeio da bateria de Pugatchóv e ao ataque furioso dos revoltosos.

Púchkin estava satisfeito com o resultado frutífero da ida a Kazan. Em carta a sua esposa, comunicou:

Aqui eu passei muito tempo com os velhos, contemporâneos do meu herói, viajei pela área da cidade, examinei os lugares das batalhas, interoguei, anotei e estou muito satisfeito que não visitei esse lugar em vão<sup>47</sup>.

Nos dias 11 e 12 de setembro de 1833, Púchkin passou pela vila Yasikov, perto de Simbirsk, o poeta encontrou seu amigo N. M. Yasikov e seus irmãos P. M. e A. M. Yasikov, este último grande conhecedor da história da região do Volga. Dele Púchkin pôde saber sobre o estado do Pugatchóv, prisioneiro em Simbirsk, e obteve informações sobre seu o interrogatório público, organizado para ele pelo conde P.I. Panin na praça da cidade. Do arquivo familiar dos irmãos Iazikov ele obteve a lista das coleções de P.I. Pytchikov sobre o cerco de Oremburgo pelos insurgentes. Contudo; o manuscrito já era conhecido de Púchkin por outra lista entregue anteriormente por G. I. Spask.

Em Oremburgo, Púchkin não passou mais de dois dias. O Arquivo de Oremburgo possuía uma coleção valiosa de fontes documentais sobre a Revolta de Pugatchóv: 13 livros grandes contendo documentos do Gabinete da Província de Oremburgo, de 1772 a 1775; papéis sobre o curso da repressão da revolta dos cossacos do Yaik no ano de 1772 e a luta contra os movimentos insurgentes no território de Oremburgo, de setembro de 1773 a maio de 1775.

---

<sup>47</sup> OVITCHÍNNIKOV. op. cit., p. 67.

Púchkin indicou a consulta de documentos no Arquivo de Oremburgo: o protocolo do interrogatório de Alexiei Kirilov, camponês do Yaik, ao governo de Oremburgo e o registro do Gabinete Provincial de Oremburgo, ou “Diário de Reisndorp”. Esses documentos também foram acessados por Púchkin através dos livros sobre Pugatchóv pertencentes ao conjunto da Expedição Secreta do Colégio Militar no Arquivo do Departamento de Inspetoria. Púchkin teve acesso a eles na primeira metade de 1833, antes da viagem à região do Volga.

Púchkin, alegando que alguns documentos foram extraídos do Arquivo de Oremburgo, usou de um engodo necessário, esforçando-se para esconder de Nicolau I e Benkendorf do fato de que ele sem o conhecimento deles obteve acesso aos materiais secretos do Arquivo do Ministério da Guerra<sup>48</sup>.

Púchkin teria assim recorrido ao mesmo artifício no caso da Nota dos Oficiais Inválidos de Kurmyshinsk, que ele supostamente teria acessado no Arquivo de Nizhni Novgorod. Ele passou três dias em Uralsk, onde foi calorosamente acolhido pelos cossacos de Uralsk, ouvindo e anotando as tradições orais sobre a Revolta de 1773-1774 e sobre o cerco de Yáik pelos revoltosos. Aqui ele encontrou antigos habitantes que lembravam bem de Pugatchóv e de seu casamento com a cossaca Ulstina Kuznetova. Descrevendo sua estada em Uralsk, o poeta contou para sua esposa:

À minha última carta minha você deveria ter recebido de Oremburgo. De lá eu fui para Uralsk – os atamans cossacos de lá me receberam bem, me deram dois almoços, beberam a minha saúde, competindo entre si me deram todas as informações necessárias – e me alimentaram de caviar fresco, feito na minha frente<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit., p.74.

<sup>49</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit., p.74.

Ovtchínnikov reforça que o saldo da viagem foi muito positivo não pela pesquisa documental em arquivos, mas pela coleta de tradições orais, que possibilitaram maior compreensão do contexto social da revolta em contraste com os documentos oficiais.

Apesar de valorizar altamente as testemunhas vivas contemporâneas do movimento de Pugatchóv, Púchkin só as utilizou em seus relatos na *História de Pugatchóv* depois de confrontá-los minuciosamente com os documentos. O essencial do seu método de uso crítico de fontes históricas ele expôs no artigo “Sobre a História da Revolta Pugatchóv”, onde escreveu:

Eu visitei os lugares, onde ocorreram os eventos mais importantes da época descrita por mim, soprando nos documentos mortos palavras ainda vivas, mas as testemunhas oculares já são idosas, sendo assim necessário soprar em sua memória senil a crítica histórica<sup>50</sup>.

A coleção de Púchkin de tradições populares e relatos sobre a Revolta Pugatchóv possuía dupla origem e duplo sentido social, de acordo com Ovtchínnikov<sup>51</sup>. Em Petersburgo, Púchkin anotou testemunhos de nobres, que se distinguem por uma interpretação enviesada e hostil dos acontecimentos. Na região do Volga e Oremburgo, ele anotou lembranças guardadas na memória das pessoas mais humildes. Lá o povo respeitou a memória de Pugatchóv, considerou o seu líder um libertador do cativo da servidão e da administração czarista. “Toda, a ralé era a favor de Pugatchóv”, - escreveu Púchkin na *Nota Sobre a Revolta*<sup>52</sup>.

Nos lugares que ele visitou, no outono de 1833, viviam descendentes dos homens que lutaram com Pugatchóv: o nome dele, escreveu o poeta, “ecoa ainda nos

---

<sup>50</sup> Id. Ibid, p. 44.

<sup>51</sup> Id. Ibid.

<sup>52</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit., p.74.

lugares onde ele cometeu atrocidades”<sup>53</sup>. O material, reunido ali por Púchkin, permitiu a ele uma percepção mais acurada sobre Pugatchóv como líder de um movimento popular.

A coleta de tradições populares e fontes folclóricas sobre a história do movimento Pugatchóv é um processo longo e trabalhoso, que exigiria grandes esforços e muitos pesquisadores. Para Ovtchínnikov, Púchkin foi um dos primeiros entusiastas dessa ideia, que descobriu um novo tipo de fonte histórica a tradição oral, avaliou corretamente a sua significação e o seu lugar na sucessão de outros monumentos do passado, e os utilizou racionalmente em seu trabalho<sup>54</sup>.

Em novembro de 1833, Púchkin voltou a Petersburgo com o manuscrito final da História de Pugatchóv e já em 6 de dezembro contatou Nicolau I, por meio de A.KH. Benkendorf, pedindo para apresentar seu trabalho a “augusta” censura. Sabendo do assentimento de Nicolau, Púchkin rapidamente apresentou a ele uma versão passada a limpo dos primeiros cinco capítulos da *História de Pugatchóv*.

Obtendo o manuscrito examinado pelo Czar através de V. A. Jukovsky, Púchkin, em fevereiro de 1834, entregou a Benkendorf a continuação da obra: os capítulos VI a VIII. Em março, o manuscrito dos capítulos VI a VIII tinha sido devolvido a Púchkin por Benkendorf juntamente com uma carta: “O Soberano Imperador deseja tudo aprovar, com exceção de algumas partes que Vossa Alteza Imperial pessoalmente assinalou”<sup>55</sup>.

Púchkin mandou fazer uma cópia passada a limpo da *História de Pugatchóv*, introduzindo nela algumas correções, levando em conta as observações de Nicolau I. Também anexou a esta cópia notas e apêndices, que hoje compõem o segundo Tomo da

---

<sup>53</sup> Id. Ibid.

<sup>54</sup> Id. Ibid, p. 45.

<sup>55</sup> OVTCHÍNNIKOV. op. cit., p. 76.

obra, mas que não passaram pela censura do Imperador. Neste formato, no dia 3 de julho 1834, o manuscrito tipográfico da *História de Pugatchóv*, com a mudança do título para *História da Revolta de Pugatchóv*, foi encaminhado para a tipografia da Segunda Seção da Chancelaria Pessoal, cujo diretor era o seu companheiro de Liceu M. L. Iakolev. A impressão do livro levou mais de quatro meses e terminou só no final de novembro de 1834. No final de dezembro, a *História de Pugatchóv* entrou em circulação.

### **Capítulo 3 – A concepção de história em Púchkin**

As diferentes correntes historiográficas surgidas com o Iluminismo construíram uma análise crítica da sociedade e da cultura. Seu escopo não se limitava à política, incluindo costumes, religiosidade, relações sociais e formas de produção. Além disso, esta historiografia se pretendia universal, expandindo seus horizontes para além da Europa e civilizações do Mediterrâneo. Em termos metodológicos, em especial na escola alemã, o exame de fontes documentais era visto como central. A compreensão

Iluminista da história também estava relacionada às tradições de pesquisa histórica desenvolvidas nos séculos anteriores com base em métodos filológicos.<sup>56</sup>

De modo geral, imagina-se que a passagem do século XVIII para o XIX teria marcado uma mudança na consciência e na metodologia históricas. Contudo, em termos metodológicos, as correntes historiográficas do século XIX devem muito às vertentes do século anterior. A centralidade das fontes documentais, a compreensão de uma relação de causalidade, a ideia de que o historiador é dotado de uma intuição/imaginação visionária, que faz parte da escrita da história, herdada principalmente pela tradição romântica, a concepção de história como ciência, bem como a ideia de progresso ao longo da história são todas concepções herdadas da historiografia setecentista.

Entretanto, apesar desta identidade com a historiografia do Iluminismo, as historiografias oitocentistas buscaram se distanciar dos modelos anteriores, arrogando-se maior correção científica do que suas antecessoras.

Um dos pontos centrais introduzidos pela historiografia do século XIX, principalmente em suas vertentes francesas, é o entendimento de que a Revolução Francesa teria sido o ponto culminante da história do Ocidente. No entanto, o aspecto mais inovador dessa nova historiografia é a sua ontologia. Esta formula uma concepção da realidade histórica que possibilitou ver tanto a coerência do processo histórico como a singularidade irreduzível dos eventos históricos.<sup>57</sup>

Entre os historiadores românticos franceses, o mais conhecido hoje é Jules Michelet. Este associava em seu trabalho a pesquisa documental exaustiva à intuição poética do historiador. Michelet estava interessado em tornar o passado familiar para o

---

<sup>56</sup> BOS, Jacques. "Nineteenth-Century Historicism and its Predecessors: Historical Experience, Historical Ontology and Historical Method." Ed(s): Rens Bod, Jaap Maat and Thijs Weststeijn. *The Making of the Humanities. Vol II: From Early Modern to Modern Disciplines*. Amsterdam University Press, p. 138.

<sup>57</sup> BOS, Jacques. op. cit., p. 144.

leitor utilizando detalhes que evidenciavam a vida material e social da época retratada. Ele usava tanto a exposição narrativa como o distanciamento histórico para, ao singularizar uma época ou evento, apresentar sua importância na cadeia de eventos posteriores. Assim, o movimento de aproximação, trazer o passado à vida, é tão importante quanto o distanciamento histórico e o conhecimento dos eventos posteriores ao período retratado, indo até o presente do historiador.

Apesar de Michelet não estar entre os historiadores que seguramente poderíamos afirmar terem sido lidos por Púchkin, o historiador romântico francês e seu método foram considerados parte do *zeitgeist* de sua época. Deste modo, é possível que Michelet tenha exercido alguma influência na imaginação histórica de Púchkin.

Já na Rússia, o historiador mais proeminente desse período foi Nikolai Karamzin (1766-1826). Conhecido pela sua obra *História do Estado Russo* em vários volumes, ele influenciou tanto uma sensibilidade histórica em seus contemporâneos e sucessores, como também inaugurou o gênero do romance sentimental em seu país com o romance *Pobre Liza*. Apesar de ter se filiado à maçonaria por curto período, Karamzin era monarquista constitucional convicto e bastante reticente a reformas bruscas. De modo geral, tinha um perfil semelhante ao de Púchkin, de quem, apesar da diferença de idade, foi amigo pessoal. Púchkin manteve relações amistosas com a família Karamzin até sua morte, em 1837. Com a diferença de que Púchkin, como a maioria de seus colegas de geração, era a favor da abolição da servidão e a compreendia inclusive como necessária.

A *História do Estado Russo* é provavelmente o trabalho de Karamzin que mais impactou Púchkin. A vasta documentação empregada na confecção da obra e a forma como o autor se refere a esta documentação em citações e referências é semelhante ao que Púchkin produziu no segundo volume da *História de Pugatchóv*, que contém notas e documentos utilizados pelo autor em sua pesquisa e publicados após a sua morte.

À semelhança das grandes sínteses nacionais que a historiografia europeia estava produzindo, Karamzin tomou para si a tarefa de escrever a história do Estado russo, desde sua fundação até sua própria época, objetivo que nunca conseguiu concretizar devido à extensão de seu objeto.

Intenção parecida é revelada por Púchkin, ao manifestar interesse na confecção de uma história de Pedro, o Grande, seguida de outras obras historiográficas sobre seus sucessores. Conhecendo a centralidade da figura de Pedro I na compreensão histórica e na visão de Púchkin sobre a Rússia, é possível imaginar que a história de Pedro I fosse de fato o que mais atraía o poeta.

### **Providência e acaso**

Evidokimova argumenta que, como autor, Púchkin estabelece uma relação complementar entre providência e acaso. A primeira comandaria os acontecimentos gerais e a segunda, os individuais. Esta estrutura básica está presente no romance histórico *A Filha do Capitão*, que também versa sobre a revolta Pugatchóv. Trata-se de uma visão não incompatível com os romances históricos coevos, como afirma Svetlana Evidokimova:

Os paradoxos do acaso em *A Filha do Capitão* levaram a várias conclusões aparentemente contraditórias. Por outro lado, o acaso, ou “estranhas coincidências”, desempenham um papel inegável na vida pessoal das personagens do romance, mais ainda, essas “estranhas coincidências” podem apontar para a existência de um plano providencial por trás delas. Por outro lado, no campo da história, o acaso desempenha somente um papel limitado como modificador de eventos de outro modo governados por leis.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> The paradoxes of chance in *The Captains' Daughter* lead to several seemingly contradictory conclusions; On the other hand, chance, or “strange coincidences”, play undeniable role in the personal lives of the novel's characters; moreover, these “strange coincidences” may point to the existence providential plan behind them. On the other hand, in the realm of history, chance plays only a limited role as the modifier also the otherwise law-governated events. EVDOKIMOVA, Svetlana. op.cit., p.83.

Esta dinâmica está presente em toda a obra ficcional de Púchkin, mas é particularmente evidenciada no poema cômico *Conde Nulin*. No poema, a verdade histórica se dá mais pela probabilidade do que pela concretude factual estrita. Para Púchkin, o campo da ação do acaso é consideravelmente maior no âmbito da vida pessoal, pouco alterando a marcha dos acontecimentos históricos mais gerais. *Conde Nulin* parodia o poema *Lucrecia*, de Shakespeare, e a narração de Tácito sobre a personagem histórica Lucrecia, propondo a seguinte variável: e se Lucrecia tivesse tido a ideia de dar um tapa em Tarquínio? Como Púchkin escreve na *Nota ao Conde Nulin*:

No final de 1825, estava eu no interior. Ao reler *Lucrecia*, um poema bastante fraco de Shakespeare, pensei: E se à Lucrecia tivesse ocorrido a ideia de dar um tapa em Tarquínio? Talvez isto tivesse esfriado sua iniciativa e ele tivesse sido obrigado a recuar envergonhado? Lucrecia não teria se esfaqueado, Publícona não teria se enfurecido, Brutus não teria banido os reis e o mundo e sua história seriam outros. Assim, a república, os cônsules, os ditadores, Catos, césares nós devemos a um acontecimento lascivo, similar a um que ocorreu há pouco tempo na minha vizinhança no distrito de Novorzhev. A ideia de parodiar a história e Shakespeare se apresentou a mim. Não pude resistir à dupla tentação e, às duas da manhã, escrevi a história<sup>59</sup>.

Apesar do poema levantar uma questão que originalmente possuía uma dimensão histórica e trágica bastante forte, Púchkin transporta a ação para um contexto provinciano e cotidiano, em que a vida das personagens está dissociada do destino da nação. Em linhas gerais, o enredo é simples: Nulin se hospeda numa casa e é recebido pela dona da casa, cujo marido está ausente. Em tese, tudo indica uma conquista fácil para Nulin. No entanto, ele tem a tentativa de sedução de sua hospedeira frustrada por um tapa no rosto. Em outra reviravolta do texto, a expectativa do leitor é contrariada

---

<sup>59</sup> В конце 1825 года находился я в деревне. Перечитывая «Луcreцию», довольно слабую поэму Шекспира, я подумал: что если б Луcreции пришла в голову мысль дать пощечину Тарквинию? быть может, это охладило б его предприимчивость и он со стыдом принужден был отступить? Луcreция б не зарезалась. Публикола не взбесился бы, Брут не изгнал бы царей, и мир и история мира были бы не те. И так, республикою, консулами, диктаторами, Катонами, Кесарем мы обязаны соблазнительному происшествию, подобному тому, которое случилось недавно в моем соседстве, в Новоржевском уезде. Мысль пародировать историю и Шекспира мне представилась. Я не мог воспротивиться двойному искушению и в два утра написал эту повесть.

mais uma vez quando o narrador revela que a hospedeira já tinha um amante. Nesse caso, Púchkin situa o efeito do acaso na dimensão pessoal (o tapa em Nulin), mas este não afeta o quadro geral: a hospedeira não é fiel ao marido.

A maioria dos críticos que consideram o poema no contexto da Nota tardia de Púchkin concordam que o poema possui um subtexto sério e que o papel do acidental na história representa seu tema mais profundo.<sup>60</sup>

Evidokimova defende que, mesmo tendo em vista os fatos históricos gerais, Púchkin não vê a história de forma determinista. Segundo ela, o autor é capaz de perceber as variáveis frustradas nos eventos, ou seja, compreender que, para que cada evento histórico ocorra, escolhas, conscientes ou não, voluntárias ou não, foram tomadas, privilegiando um caminho entre vários possíveis. Assim, a história não é simplesmente uma cadeia de eventos necessários, mas sim uma série de situações que, ao ocorrerem, deixam incompletas as outras variantes.

Considerando que, para Púchkin, a história da Rússia, devido à sua forma autocrática de governo, seria uma história mais personalista e, conseqüentemente, mais sujeita ao acaso, a sua compreensão da história nacional poderia ter influenciado essa desconfiança em relação ao determinismo histórico, como afirma Evidokimova.

Argumentando contra o determinismo do pensamento Ocidental, Púchkin insiste que não se deve presumir que eventos devam ter ocorrido quando eles poderiam igualmente não ter ocorrido. Ele diz no seu artigo sobre Polevoi “não diga que não poderia ser de outro modo”.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> Most critics who consider the poem in the context of Pushkin later note agree that the poem has a serious subtext and that the role of The Accidental in history represents its deepest subject matter. EVDOKIMOVA, Svetlana. op. cit., p. 67.

<sup>61</sup> Arguing against the determinism of western thought, Pushkin insists that's one should not presume that events must have happened when they might just as well not have happened. He says in his article on Polevoi: "Don't say it could not have been otherwise". EVDOKIMOVA, Svetlana. op. cit., p.67.

A ideia defendida por Evidokimova e por vários outros autores é a de que, para Púchkin, o acidental ou o acaso existem na história e que o efeito ou consequência do acidental depende das circunstâncias mais gerais.

No caso da *História de Pugatchóv*, por exemplo, Púchkin expõe no primeiro capítulo as circunstâncias, isto é, as condições econômicas e sociais, bem como o perfil étnico da população que seriam as bases do movimento revoltoso. Era provável que a revolta ocorresse, mas quem seria o líder desta rebelião é para Púchkin uma questão mais relacionada ao acaso, como é possível pode inferir por meio da seguinte passagem de seu texto historiográfico.

Os cossacos estavam ainda divididos em dois grupos: os concordantes e os discordantes (ou, nas palavras assaz exatas empregadas pelo Conselho de Guerra do Colégio Militar, os obedientes e os desobedientes). Conferências secretas aconteciam em tabernas nas estepes e em chácaras remotas. Tudo prenunciava uma nova rebelião. Faltava um líder. O líder apareceu<sup>62</sup>.

A discordância de Púchkin em relação ao determinismo histórico de François Guizot e sua divergência em relação à historiografia francesa podem ser verificadas a seguir:

É preciso acrescentar (não como concessão, mas como verdade) que o governo é ainda o único europeu na Rússia (e apesar de tudo que é brutal e penoso e cínico) e por mais brutal (e cínico) que ele seja, ele poderia ser cem vezes mais. Ninguém prestaria atenção.<sup>63</sup>

## A História de Goriúkhino

<sup>62</sup> Apêndice com a tradução dos dois primeiros capítulos da *História de Pugatchóv*. Alexandr Púchkin. *A Filha do Capitão*. op.cit. p. 192.

<sup>63</sup> Il fallait ajouter (non comme concession, mais comme vérité) que le gouvernement est encore le seul Européen de la Russie, [et que malgré tout ce qu'il a de lourd et de pénible et de cynique] et que tout brutal [et cynique] qu'il est, il ne tiendrait qu'à lui de l'être cent fois plus. Personne n'y ferait la moindre attention. PÚCHKIN, Alexandr. *Polnoe Sobranie Sochineniia*. Moscou: Akademia Nauk, 1937. vol. XVI, p. 261.

Um paralelo interessante pode ser traçado entre o método utilizado por Púchkin na *História de Pugatchóv* e seu conto inacabado *História da Aldeia de Goriúkhino*. A narrativa ficcional inacabada em primeira pessoa é dividida em duas: a história em si e uma espécie de prefácio, que detalha os motivos e o processo de composição da história do título.

O autor da história é o mesmo Ivan Petrovitch Biélkin que teria escrito os *Contos de Biélkin*. No prefácio à sua *A História da Aldeia de Goriúkhino*, Biélkin explica que desde a infância viu com fascinação a carreira literária. Tendo herdado a propriedade de seus pais e lá se estabelecendo, decidiu se dedicar às Belas Letras de algum modo:

Apesar de todas as objeções da minha razão, a impertinente ideia de tornar-me escritor me vinha a todo instante à cabeça. Finalmente, sem mais condições de opor-me à inclinação natural, costurei um gordo caderno com a sólida intenção de preenchê-lo com o quer que fosse. Todos os gêneros poéticos (pois ainda nem pensava na humilde prosa) foram por mim analisados e avaliados; escolhi resolutamente o poema épico, extraído da história de nossa pátria. Não levei muito tempo procurando por um herói. Escolhi Riurik – e pus-me a trabalhar.<sup>64</sup>

Depois de escrever as “anedotas” (os *Contos de Biélkin*), ele decide se dedicar à *História da Aldeia de Goriúkhino*. No entanto, depara-se com muitos empecilhos de ordem prática e teórica, até que a descoberta acidental de alfarrábios faz com que ele se debruçasse sobre a empreitada de escrever a história do lugarejo:

A ideia de renunciar a anedotas mesquinhas e duvidosas em prol de relatos verídicos e acontecimentos grandiosos há muito inquietava minha imaginação. Ser o juiz, o observador e o profeta dos séculos e dos povos parecia a mim o mais elevado patamar acessível a um escritor. Mas qual história poderia escrever com minha pobre instrução, onde não me haviam precedido homens conscienciosos e eruditos? Que gênero da história ainda

---

<sup>64</sup> A tradução é de Cecília Rosas em sua tese de doutorado *A Literatura e seus Variados Fins Domésticos: Tradução e Comentário de Quatro Contos de Púchkin*. Tese de doutorado. FFLCH/USP, p. 67.

não fora por eles esgotado? Deveria escrever a história universal, mas já não existe o imortal trabalho de Abbé Millot? Voltar-me-ia para a história da pátria? Mas o que poderia dizer depois de Tatíchev, Bolton e Gólikov? Deveria eu mesmo revolver as crônicas, e assim o sentido secreto da língua arcaica, quando não sabia nem ler os velhos números eslavos? Pensei em uma história de menor volume; por exemplo, a história da capital de nossa província: mas também aqui, quantos obstáculos invencíveis para mim! Viagem à cidade, visitas ao governador e ao metropolita, solicitação de acesso aos arquivos e depósitos do monastério e assim por diante. A história de nosso distrito interiorano seria mais propícia para mim, mas não era interessante nem para o filósofo, nem para o pragmático; e apresentava pouco alimento para a eloquência:\*\*\* recebeu o título de cidade no ano de 17\*\*, e o único acontecimento notável mantido nas crônicas foi um terrível incêndio ocorrido há dez anos, que devastou a feira e as repartições públicas.<sup>65</sup>

O texto enumera uma série de passos que qualquer historiador da época, ou até atual, concordaria em seguir, sendo especialmente criterioso na exposição das fontes que Biélkin utilizou, como se pode ver abaixo:

Trago aqui a fonte das anotações que me serviram para a composição da História de Goriúkhino; 1. Coletânea de velhos calendários. 54 partes. Primeiras vinte partes escritas em caligrafia antiga com abreviações. Tal crônica foi escrita por meu bisavô Andrei Stepánovich Biélkin. Distingue-se pela lucidez e pela concisão do estilo, por exemplo: 4 de maio - Neve. Trichka apanhou por ser grosso. 6 - morreu vaca marrom Senka apanhou por bebedeira. 8 - tempo claro. 9 - chuva e neve Trichka apanhou pelo tempo. 11 - tempo claro. 12 - Neve fresca com bom vento. Abati três lebres. E anotações semelhantes sem maiores reflexões... restam 35 partes escritas em várias letras, a maior parte na chamada "caligrafia de vendedor", com e sem abreviações, geralmente prolíficas, sem nexos nem observância de ortografia. Lá e cá nota-se uma mão feminina. Nesta parte estão os escritos de meu avô Ivan Andréievitch Biélkin e de minha avó, sua cónjuge, Evpráksia Aleksêivna, assim como anotações do intendente Garbovski. 4 - Registros fiscais, anotações dos antigos anciãos (contas e livros de gastos) concernentes à moralidade e condições dos camponeses.<sup>66</sup>

O resultado, contudo, é cômico. Afinal, a objetividade do método está a serviço de um cotidiano provinciano, em que pouco ou nada de fato acontece. É possível argumentar que essa abordagem permitiria pôr em dúvida o método historiográfico que ele mesmo iria utilizar alguns anos depois com tanto afinco.

<sup>65</sup> Id. *ibid.*, p. 68.

<sup>66</sup> Rosas, Cecília, *op. cit.*, p. 70.

Duas interpretações parecem válidas. A primeira: Púchkin possuía a capacidade de ironizar até aquilo com o que ele pessoalmente concordava. Isso é demonstrado pela forma irreverente como ele escrevia textos cômicos e paródias, como o já citado *Conde Nulin*, em que o sentido original foi subvertido quase totalmente<sup>67</sup>, e a dificuldade de encontrar opiniões claras de Púchkin sobre o que ele de fato pensava, tanto em sua obra, como em sua correspondência pessoal. A segunda: no caso da *História da Aldeia de Goriúkhino*, o método historiográfico é dissociado do sentido de história. Deste modo:

Na sua *História da Aldeia de Goriúkhino*, Púchkin parodia o fracasso de Biélkin em “compor alguma coisa” nos gêneros imaginativos bem como em gêneros não ficcionais, como a história, justamente porque Biélkin não possuía imaginação, o que possibilitaria que ele desenvolvesse um conceito ou conectasse fenômenos de alguma forma racional. O simples desejo de se tornar escritor e historiador ou mesmo certas habilidades técnicas não garantem, Púchkin sugere, uma autoria bem sucedida.<sup>68</sup>

David M. Bethea and Sergei Davydov, no artigo “The [Hi]story of the Village Gorjuxino: In Praise of Puškin's Folly”, também defendem que a compreensão de história tanto em escopo quanto na própria escrita do texto de Biélkin é muito menor que a de Púchkin, como se pode ver a seguir.

O caráter aglutinador e amorfo do seu trabalho, sua total falta de discernimento entre os eventos significativos e os triviais, o tornam um remoto, porém perfeito descendente da crônica. A antiga crônica, consiste no trabalho coletivo de vários “escribas”. Ele fornece uma moldura que concilia tudo: excertos de calendários antigos, uma crônica do sacristão local, lendas orais, partes de censos, uma amostra de poesia, uma carta, observações numerosas com vários níveis de

<sup>67</sup> Púchkin respeitava Shakespeare, mas, segundo Monica Greenleaf, ele praticamente inverte a cena do balcão de Romeu e Julieta, em algum nível, de forma parecida com o seu tratamento do tema de Lucrecia na obra *Boris Godunov*. Para uma comparação ponto por ponto entre as duas cenas, ver GREENLEAF, Monika. *Pushkin and the Romantic Fashion*. op.cit. 1994.

<sup>68</sup> Thus, in his “[Hi]story of the Village of Goriukhino (*Historiia sela Goriukhino*), Pushkin parodies Belkin’s failure “to compose something” any imaginative generous as well as non-fictional ones, such as history, precisely because Belkin lacks imagination, which would enable him to develop a concept or connect phenomena in any rational way. A mere desire to become a writer and a historian or even certain technical skills do not guarantee, Pushkin suggests, a successful authorship. EVIDOKIMOVA, Svetlana op. cit. pp. 19- 20.

interesse. E consciencioso na sua descrição do “que”, mas quase nunca descrevendo “por que” as coisas acontecem, ela é escrita da forma mais compulsiva e preenchida “com qualquer coisa”<sup>69</sup>.

Há a interpretação de que a *História da Aldeia de Goriúkhino* seria uma paródia da *História do Estado Russo*, de Karamzin, ou da *História do Povo Russo*, de Nikolai Polevoi. Sobre esta última, Púchkin escreveu uma resenha que é bastante citada como uma das principais fontes para conhecer o seu pensamento histórico. Segundo Evidokimova:

Púchkin culpa Polevoi precisamente por sua inabilidade em considerar contextos diferentes e pela sua aplicação cega das “fórmulas” dos historiadores franceses à história russa. Todos os eventos, segundo Púchkin, devem ser discutidos no seu próprio contexto, e a escolha de uma correta perspectiva por meio da qual os fatos dados são analisados determina o resultado final da pesquisa histórica. A forma contextualista dos argumentos refletem indubitavelmente o perspectivismo filosófico de Púchkin, uma disposição mental que caracteriza, no geral, seu pensamento e obra.<sup>70</sup>

Bethea e Davydov discordam dessa interpretação por limitar o escopo da crítica a um único autor (considerando o respeito e amizade que Púchkin nutria por Karamzin e a influência dele em sua obra). Mesmo a partir das críticas duras a Polevoi (largamente utilizadas para apreender o que Púchkin claramente desaprovava na historiografia Ocidental), a crítica de Púchkin na *História da Aldeia de Goriúkhino* parece ser mais

---

<sup>69</sup> The agglutinative character and amorphous shape of his work, its total lack of discrimination between significant and trivial events, make of it a remote but perfect descendant of the *letopisnyj zanr* (chronicle). Like the ancient chronicle, it is the collective work of various "scribes." It provides a frame that accommodates everything: excerpts from old calendars, a chronicle of the local sexton, oral legends, entries from *revizkie skazki* (census rolls), a sample of poetry, a letter, and numerous observations of varying degrees of interest. And, dutiful in its description of "what," but almost never "why" things happen, it is written in the most compulsive manner-filled "with anything whatsoever". BETHEA, David M., DAVYDOV, Sergei. "The [Hi]story of the Village Gorjuxino: In Praise of Puškin's Folly." *The Slavic and East European Journal*, Autumn, 1984, Vol. 28, No. 3 (Autumn, 1984), p. 300.

<sup>70</sup> Pushkin blames Polevoi precisely for his inability to consider different contexts and for his blind application of the French historians "formulas" to Russian history. All events, according to Pushkin, have to be discussed in their own context, and the choice of a proper perspective from which given facts are analyzed determines the ultimate outcome of historical inquiry. The contextualist form of arguments undoubtedly reflects Pushkin's philosophical perspectivism, a mental disposition that characterizes his thought and work in general. EVIDOKIMOVA, Svetlana. op. cit., p. 87.

geral e mais epistemológica. É interessante notar que o próprio Karamzin escreveu sobre a diferença entre a crônica e a história, na introdução do primeiro volume da *História do Estado Russo*:

O historiador não é um cronista: o último olha somente para o tempo, enquanto o primeiro olha para o que caracteriza e conecta as ações. O historiador pode errar na distribuição (dos eventos), mas ele deve indicar um local para tudo.<sup>71</sup>

No século XX, a partir da escola dos Annales, foi popularizada a ideia de história–problema: a concepção de que no passado não somente deve-se olhar para uma cadeia de eventos ligados por relações de causa e efeito, mas que o historiador deve propor perguntas que permitam a apreensão dos eventos de forma mais profunda e complexa.

Nesse sentido, para o historiador cultural, mais interessante que os eventos ocorridos em uma aldeia como a de Goriúkhino, seria o que esses eventos poderiam revelar sobre o cotidiano, a vida cultural e material do interior da Rússia naquele período. No caso, seria importante utilizar as fontes (um tanto limitadas) de forma a buscar os traços que poderiam particularizar tempo e lugar, demonstrando um quadro da vida provinciana russa. Já a *História da Aldeia de Goriúkhino* é uma coleção de dados que não fornece em si nenhuma interpretação e nem seleção qualificada de fontes. No que ela difere radicalmente da *História de Pugatchóv*, como afirmam Beathe e Davidov:

Nesse ponto de sua carreira, Púchkin compreendeu explicitamente que a escrita da história e a escrita ficcional operam sob dois sistemas de regramentos precisos e mutuamente excludentes e que as disciplinas historiografia e poética, ao estabelecer essas regras, exigem coisas opostas dos seus escritores.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> The historian [istorik] is not a chronicler [letopisec]: the later looks only at time, while the former at what characterizes and links actions. The historian may err in the placing [of events], but he must indicate a place for everything. BETHEA. David M.; DAVIDOV, Sergei. op. cit., p. 300.

<sup>72</sup> At this stage of his career, Pu'kin understood implicitly that the writing of history and the writing of fiction operate under two precise and mutually exclusive sets of rules, and that the disciplines,

*A História da Aldeia* é um conto inacabado, e datado de 1830, mesmo ano dos *Contos de Bielkin*. Nessa altura, Púchkin já havia se aventurado na prosa histórica com o inacabado *O Negro de Pedro, O Grande*. Deste modo, segundo Bethea e Davydov:

*A Aldeia de Goriúkhino* ofereceu a Púchkin os meios de (1) explorar as divergências entre esses dois modos de escrita; (2) testar suas possibilidades e limites narrativos; e (3) especular sua compatibilidade como realidade e ficção, fato e artefato, história e estória, historiografia e poética podem ser combinadas em forma narrativa?<sup>73</sup>

### **O romance histórico**

Segundo Lucáks, nos romances históricos de tipo scottiano há uma estrutura específica, e seus protagonistas costumam ser homens bons, honestos, mas medianos. O protagonista, inclusive, tende a não ser o personagem mais memorável de seus romances. O grande trunfo desse tipo de personagem para a composição da trama histórica é que ele tende a ser neutro em um campo no qual existem vários grupos/interesses em disputa. Assim, esse protagonista, como é levemente desgarrado de todos os grupos, mas está em contato com todos eles, pode, ao longo de suas peripécias, mostrar ao leitor as dinâmicas sociais e a correlação de forças do período/fato histórico abordado pelo romance. “É exatamente pela escolha dessas figuras centrais que a exposição scottiana da totalidade histórica de determinados graus críticos da transição histórica alcança um acabamento nunca superado”.<sup>74</sup>

---

historiography, and poetics establishing these rules make opposing demands on their writers. BETHEA, David M.; DAVYDOV, Sergei. op. cit., p. 297.

<sup>73</sup>*Selo Gorjuxino* provided Pushkin with a means to (1) explore the divergencies between these two modes of writing, (2) test their narrative possibilities and limits, and (3) speculate on their compatibility-how might *Wahrheit and Dichtung*, reality and fiction, fact and artifact, history and story, historiography and poetics be combined in narrative form? Id. Ibid., p. 304.

<sup>74</sup> LUCKÁCS, György. *O Romance Histórico*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2011, p. 5.

Parte da crítica chegou a compreender a *História de Pugatchóv* e *A Filha do Capitão* como obras complementares. Em outras palavras, pensava-se que para entender a primeira era preciso conhecer a segunda. Esta é uma visão já superada. A crítica mais recente tende a estabelecer não apenas a diferença, mas a incompatibilidade entre ambas, como se pode observar a seguir.

Se, no entanto, compararmos a representação da revolta de Pugatchóv na *Filha do Capitão* não com a de Kryukov, mas com os dois volumes da *História de Pugatchóv*, notamos que a seção de eventos históricos abordados por Griniév é relativamente limitada. Os eventos históricos gerais são diretamente visíveis enquanto tocam a vida pessoal das duas famílias e a pequena fronteira da guarnição, como notei. *A Filha do Capitão* permanece também como um romance familiar e de costumes, além de um romance histórico. E, como tal, ele lida essencialmente com as vidas das “pessoas comuns” em guerra e paz, seus sofrimentos e morte pela história.<sup>75</sup>

A figura de Pugatchóv é suavizada no romance em relação ao líder cossaco de *História de Pugatchóv*. O argumento de Evidokmova é que isso ocorre devido à existência de um narrador-personagem em *A Filha do Capitão*. Nesta estrutura do romance histórico scottiana, o personagem histórico se mostra no campo das relações pessoais, o que facilita a empatia por parte do leitor. Deste modo, em *A Filha do Capitão* o líder da revolta aparece muito mais como pessoa particular do que como um líder político.

### ***A História de Pugatchóv***

---

<sup>75</sup> If however we compare the depiction of the Pugatchov rebellion in the *Captain's Daughter* not with Kryukov's a story but with Pushkin own two-volume *History of the Pugatchov Rebellion*, we note that the sector of historical events treated by Griniev is relatively narrow. The general historical events are only directly visible insofar as they touch the lives of both families and the little border garrison, as I have noted, *The Captain's Daughter* too remains a novel of family and manners as well as a historical novel. And as such it deals primary with the lives of "little people" in war and peace, their suffering and dying for history. STRIEDTER, Jurij. "Poetic Genre and The Sense of History in Pushkin" *New Literary History*, Winter, 1977, Vol. 8, No. 2, *Explorations in Literary History* (Winter, 1977), pp. 295-309; p 306.

Ainda que Púchkin entendesse que *História de Pugatchóv* não era o trabalho definitivo<sup>76</sup> sobre a revolta, ele tentou escrever uma história o mais abrangente possível, buscando recuperar a revolta com base documental e bibliográfica acurada, preocupando-se com a seleção criteriosa da documentação e com a transposição desses documentos para o texto final de seu livro. Mais do que isso, Púchkin estava interessado em apresentar uma interpretação histórica dos eventos. Alexander Dolinin entende que a melhor forma de compreender *A História de Pugatchóv* é analisar a obra em paralelo com a de seus pares da época:

É claro que Púchkin pegou emprestado dos historiadores franceses vários procedimentos formais, técnicas e ferramentas narrativas (principalmente a caracterização da “cor local”) usadas para mostrar o espírito do período descrito, ou, nas palavras de Púchkin, apresentar o passado diretamente, sem intermediários, retendo sua “marca de vívida de contemporaneidade”. Na *História de Pugatchóv*, o leitor não encontrará nem o didatismo patente e moralizante de seu reverenciado predecessor Nikolai Karamzin nem as tentativas deste de romantizar e psicologizar personagens históricas. No que concerne à seleção e tratamento das fontes, Púchkin está muito mais próximo da historiografia romântica francesa do que da interpretação carregada de emoção de Karamzin. À Sir Walter Scott e seus discípulos, Púchkin considera seu dever visitar os lugares, conversar com supostas testemunhas oculares da rebelião e reconstruir os eventos em sua imaginação na sua “cor local”. Ele incorpora lendas populares, tradições e canções em sua narração histórica e as dramatiza citando as falas com marcas estilísticas dos participantes (tanto reais quanto supostas). Ele permite que tanto os documentos antigos quanto os velhos sobreviventes da revolta falem por si mesmos e quase nunca recorre a comentários autorais diretos. Enquanto Karamzin subordinava suas fontes à autoridade da sua voz e visão, Púchkin, ao contrário, adaptou a sua visão e voz à diversidade das suas fontes e, seguindo a receita de Thierry, “aderiu o mais possível à linguagem dos contemporâneos[...] dos fatos relatados”<sup>77</sup>

<sup>76</sup> Будущий историк, коему позволено будет распечатать дело о Пугачеве, легко исправит и дополнит мой труд — конечно несовершенный, но добросовестный. Историческая страница, на которой встречаются имена Екатерины, Румянцова, двух Паниных, Суворова, Бибикова, Михельсона, Вольтера и Державина, не должна быть затеряна для потомства.

<sup>77</sup>Of course, Pushkin borrowed from the French historians several formal procedures, techniques, and narratorial devices (mostly "local color" characterization) used to render "the spirit" of the period described, or, in Pushkin's parlance, to present the past directly, without intermediaries, retaining its "stamp of breathing contemporaneity." In *The History of Pugachev*, the reader would find neither the overt didacticism and moralizing of his revered predecessor Nikolai Karamzin, nor the latter's attempts to novelize and psychologize historical characters. As far as selection and treatment of sources are concerned, Pushkin is much closer to innovative tenets of French romantic historiography than to Karamzin's emotionally charged renditions. Like Sir Walter Scott and his disciples, Pushkin thinks it his duty to visit the scenes, to talk to some alleged eyewitnesses to the rebellion, and to reconstruct in his

O que Donilin chama de “cor local” é também a influência da geografia e das outras ciências sociais ainda incipientes, como a antropologia e etnografia, na sensibilidade historiográfica da época. Púchkin viu importância na descrição dos povos do Cáucaso e na geografia dos lugares onde a revolta teve início não pelo aspecto curioso ou pitoresco desta descrição, mas pelo papel fundamental do caráter étnico, cultural e religioso (velhos crentes), específico da revolta, tema abordado no primeiro capítulo deste trabalho. David M. Bethea, no capítulo “Pushkin’s the *History of Pugachev*: Where Fact Meets the Zero-Degree of Fiction”, argumenta que:

O capítulo 1, como já mencionado, constitui a pré-história necessária ao aparecimento de Pugatchóv. O líder rebelde deveria vir de algum lugar, se formar a partir de circunstâncias concretas e fatores que contribuíram para a revolta. Com o intuito de preparar o caminho para o principal ator, Púchkin dá um relatório conciso, mas factualmente rico da topografia e etnografia das margens do Rio Ural (Yaik), e a vizinhança de Oremburgo.<sup>78</sup>

Na historiografia francesa, por exemplo, é clara a diferença entre uma *Fronde* e uma *Jacquerie*. A *Fronde* é gerada pelo descontentamento da aristocracia em relação a alguma(s) política(s) do Rei, mobilizando, em geral, a população citadina da capital. Já

---

imagination the events in their "local coloring"; He embeds his historical narration in popular legends, traditions, and songs and dramatizes it by quoting the participants' stylistically marked sayings (both true and alleged); he allows both the old documents and the old survivors of the uprising to speak for themselves and hardly ever resorts to revamping and direct authorial comments. Although Karamzin subordinated his sources to the authority of his voice and vision, Pushkin, on the contrary, adopted his vision and voice to the diversity of his sources and, following a recipe of Thierry's, "adhered as closely as possible to the language of [...] contemporaries of the facts related." DOLININ, Alexander. "Historicism or Providentialism? Pushkin's History of Pugachev in the Context of French Romantic Historiography." *Slavic Review*, Summer, 1999, Vol. 58, No. 2, *Special Issue: Aleksandr Pushkin. 1799-1999* (Summer, 1999). Cambridge; University Press, pp. 292; 293.

<sup>78</sup> Chapter One, as already mentioned, constitutes the necessary pre-history to the appearance of Pugachev. The rebel leader has to come from somewhere, has to grow out of certain concrete circumstances and contributing factors. In order to prepare the way for the principal actor, Pushkin gives a terse but factually rich account of the topography and ethnography of the area along the Ural (Yaik) River, in the general vicinity of Orenburg. BETHEA, David M. op. cit., p.309.

a *Jaquerie* é uma revolta camponesa motivada por problemas locais (discordâncias com senhores de terra) e pode se tornar bastante violenta sem se estender para as cidades.

Nos dois casos, o local-posição das pessoas envolvidas no movimento insurgente é central para a compreensão do desenrolar do movimento e de suas consequências. Assim, não seria considerado pitoresco caso um historiador francês descrevesse os costumes e geografia, bem como o modo de vida de um lugar onde uma revolta camponesa tivesse ocorrido. Púchkin, procedendo da mesma maneira, só teria um resultado pitoresco caso o campesinato russo, cossacos, bashkires e kalmulks fossem mais pitorescos do que o campesinato francês somente por constituírem um grupo multiétnico.

A relação tempo/lugar/especificidade é clara para Púchkin e, por isso, ele escolhe começar pelas condições que permitiram a revolta para somente depois passar para a descrição dos eventos com base na documentação existente e à qual teve acesso.

Devido ao próprio caráter desse corpus documental, advindo dos órgãos do governo em sua maioria (como apresentado no capítulo 2), seria natural que a abordagem tendesse consideravelmente a favorecer a visão do Império sobre a revolta. Púchkin, entretanto, tomou o cuidado de adjetivar muito pouco a narrativa, tornando o texto o mais neutro possível.

A narração de Púchkin, ao contrário da de Karamzin, é o mais distante que se pode imaginar do “poético” e ainda descreve a (novamente, totalmente não romantizada) energia da Pugavishína. Nela, no texto propriamente dito (e não só nas notas), fatos verificados e a energia popular, que não é em absoluto estilizada ou sentimentalizada, são absolutamente contíguos – uma façanha notável para a consciência histórica russa do primeiro terço do século XIX.<sup>79</sup>

<sup>79</sup>Pushkin’s narration, as opposed to Karamzin’s, is as far from the “poetic” as can be imagined and still relate the (again, totally deromanticized) energy of pugachevshchina. In it, in the text itself (and not just in the notes), verified fact and a popular energy that is in no way stylized or sentimentalized are absolutely contiguous — a remarkable feat for the Russian historical consciousness of the first third of the 19th century. BETHEA, David M. op. cit., p. 306.

Tanto Donilin quanto Evidokimova defendem o distanciamento da concepção histórica de Púchkin das escolas francesas correntes. Representantes dessas vertentes como Guizot, por exemplo, têm uma ideia de história tão lógica no encadeamento de causa e efeito, que todos os eventos se tornam absolutamente necessários para a sua interpretação. Qualquer evento retirado da cadeia seria fatal para a interpretação de Guizot, porque tudo está relacionado entre si e cada fato é entrelaçado de tal forma que a história se torna um mecanismo de relógio: uma peça que falte impede toda a estrutura de funcionar. Púchkin, como já mencionado neste trabalho, tem uma percepção aguçada das variáveis possíveis e da participação do acaso na vida e na história.

A importância do acaso e de decisões individuais aparece estilisticamente no texto da *Revolta de Pugatchóv*, não só pelo objeto muito limitado, mas também devido à escala pessoal dos acontecimentos como incompetência de comando, atrasos, mudanças de lado das guarnições. Outro indício é o uso frequente das expressões de repente ou repentinamente (*vdrug*)<sup>80</sup>. Donolin argumenta ainda que a forma de exposição utilizada por Púchkin tem mais semelhanças com a historiografia do Iluminismo do que com a historiografia romântica do século XIX.

Evidokimova, por sua vez, indica mais do que um descompasso em relação à historiografia corrente de sua época. Segundo ela, Púchkin acreditava que o molde francês não servia nem à história universal nem à russa.

Púchkin aparentemente nunca negou a existência da providência, mas sugeria que ela era desconhecida, sendo assim irrelevante para a pesquisa histórica. Sua crítica e polêmica interna com os historiadores franceses adquiriram assim dois aspectos principais: a tentativa de traçar as especificidades do

---

<sup>80</sup>Пугачев, подошед к ней, вдруг оттолкнул одного из солдат, его сопровождавших; другой помог колоднику сесть в кибитку и вместе с ним ускакал из городу. PÚCHKIN, Alexandr *História Pugatcheva*. op. cit., p. 13.

desenvolvimento histórico russo e uma discordância concernente ao papel do acaso na história.<sup>81</sup>

Disso resultaria o interesse de Púchkin em momentos-chave da história russa e seu foco em personagens históricos específicos, em detrimento dos sistemas históricos baseados em classe/estrutura social em voga na historiografia francesa da época.

### Questão simbólica

Um aspecto interessante da *História de Pugatchóv* é trabalhado por Maria Langleben, no artigo “Castigo da Natureza Rebelde: Quatro Fragmentos da *História de Pugatchóv* de A. S. Púchkin”. (Nakazanie Myatezhnoi Priroda Tchetire Fragmenta iz Istorii Pugatcheva de A. C. Púchkin)<sup>82</sup>. O artigo analisa passagens da *História de Pugatchóv* e apresenta traços estilísticos do texto, de modo geral, bastante neutro e impessoal. O mais pertinente para este trabalho é a semelhança ou quase espelhamento entre o parágrafo inicial e o epílogo da *História de Pugatchóv*. As duas passagens evidenciam mudança dos nomes dos lugares relacionados a Revolta como se pode ver abaixo.

Яик, по указу Екатерины II переименованный в Урал, выходит из гор, давших ему нынешнее его название; течет к югу вдоль их

---

<sup>81</sup> Pushkin apparently never denied the existence of Providence, but suggested that it could not be known, and was therefore irrelevant to historical inquiry. His criticism and internal polemic with the French historians thus acquired two main aspects: An attempt to trace the specifics of Russian historical development and a theoretical disagreement concerning the role of chance in history. EVIDOKIMOVA, Svetlana, op. cit., p. 55.

<sup>82</sup> LEGLEBEN, Maria. наказание мятежной природы четыре фрагмента из Истории Пугачева А С Пушкин.

цепи, до того места, где некогда положено было основание Оренбургу и где теперь находится Орская крепость,<sup>83</sup>

Екатерина, желая истребить воспоминание об ужасной эпохе, уничтожила древнее название реки, коей берега были первыми свидетелями возмущения. Яицкие казаки переименованы были в уральские, а городок их назвался сим же именем. Но имя страшного бунтовщика гремит еще в краях, где он свирепствовал. Народ живо еще помнит кровавую пору, которую — так выразительно — прозвал он пугачевщиною.<sup>84</sup>

Apesar do espelhamento ser um recurso estilístico, tanto Langleben quanto Bethea entendem que este recurso não foi utilizado por motivos puramente estéticos, mas principalmente para reforçar um aspecto específico da rebelião:

A motivação de Púchkin para construir essa simetria parece ser estritamente histórica ou desinteressadamente mnemônica: ele quer aqui, entre essas duas referências da renomeação, lembrar o leitor do que Catarina decretou que ele deveria esquecer.<sup>85</sup>

Aqui Púchkin estava abordando dois aspectos caros à historiografia. Um deles é o aspecto simbólico da repressão à revolta, que aparece na documentação a partir da preocupação do governo suprimir os rumores sobre a Revolta de Pugatchóv.

Como assinalado no capítulo 1, o fenômeno dos falsos czares surgiu do descontentamento popular, mas carregava uma carga simbólica indispensável para a própria formação do movimento. A ideia profundamente enraizada no imaginário popular de que o czar legítimo naturalmente tomaria medidas favoráveis ao campesinato conduzia à consequente deslegitimação do monarca que não adotasse essas medidas (ou fosse contrário a elas). Isso significa dizer que o czar seria ele mesmo um impostor.

Essa ideia surge principalmente em lugares remotos do Império. Por isso, não é

<sup>83</sup> ПУЧКИН, Александр. op. cit., 6.

<sup>84</sup> ПУЧКИН, Александр. op. cit. p. 84.

<sup>85</sup> Pushkin's motivation for constructing this symmetry appears to be strictly historical or disinterestedly mnemonic: he wants now, between these two references to the renaming, to remind the reader what Catherine has decreed he should forget. BETHEA, David M. op. cit. p 308.

suficiente a repressão militar da insurreição e a prisão dos seus líderes. É preciso deslegitimar o impostor. A afirmação de Catarina como governante legítima se constitui ao renomear todos os lugares que assistiram à rebelião. Tratava-se de apagar a memória, para que, ao serem nomeados, esses lugares não pudessem trazer consigo a carga de passado e, conseqüentemente, de tradição insurgente de que eram portadores (ao menos, jamais seriam lembrados na ilusão do monarca).

Maria Langleben destaca, além da semelhança entre o parágrafo inicial e o final, a afinidade entre as passagens que relatam a execução de Pugatchóv e a destruição de sua casa.

Tanto a aldeia quanto a casa estavam inclinadas a deixar seu local tradicional: a casa, vendida, já tinha deixado o local. Já a aldeia expressa o desejo de mudar para outro lugar. Parece que a mudança era a melhor forma de destruir de forma indolor estabelecimentos e moradias inconvenientes. Mas no caso da evasão da aldeia e casas, a terra na qual havia muito tempo esteve a casa da aldeia, ficaria sem punição, o que pelo visto era especialmente relevante, caso contrário não se pode explicar para que a casa de Pugatchóv, já arruinada e removida, foi trazida de volta e queimada no seu local de origem. Queimada pelos carrascos, na presença do clero, e as cinzas foram espalhadas. Em outras palavras, essa casa não foi somente queimada como também submetida a uma execução ritual. Depois disso, seria possível chegar a esse pedaço de terra onde a casa se encontrava e condenar essa terra à danação eterna.<sup>86</sup>

Ela chama a atenção para o fato de que a mudança de nome também é uma espécie de execução ritual e assinala que esse significado ritualístico é central não só para o silenciamento definitivo da memória, como também para emprestar esse significado

---

<sup>86</sup> Самом деле, и станица, и дом склонны покинуть свое исконное место: проданный дом уже съехал со своего двора, а станица изъявляет желание переехать на другое место. Казалось бы, что переезд - это наилучший способ безболезненно уничтожить неуютное поселение и жилище. Но, в случае бегства станцы и дома, земля, на которой искони стояли дом и станица, осталась бы ненаказанной. А, по-видимому, покарать эту землю было особенно важно. Иначе нельзя объяснить, для чего дом Пугачева, уже сломанный и перевезенный, был возвращен и сожжен на своем природном месте. Сожжен палачами, в присутствии духовенства, и пепел его был развеян. Иными словами, дом этот был не просто сожжен, а подвергнут ритуальной казни. После этого можно было добратсья до того клочка земли, на котором дом стоял - и предать эту землю вечному проклятию. LANGLEBEN, Maria. op. cit., p. 189.

ritual à própria captura e execução de Pugatchóv. Nesse sentido, a mudança dos nomes é parte inseparável da repressão à revolta, tal como foi praticada por Catarina II, como se pode observar a seguir.

Só à luz dessa ação ritual, é possível compreender a mudança de nome de Zimoveiski. Não foi permitido que a aldeia mudasse de local, porque ela deveria ser punida juntamente com a casa e a terra. A casa foi queimada, a terra cercada e amaldiçoada – a aldeia renomeada. Nesse caso, a queima, a maldição e a mudança de nome são equivalentes à pena capital. A casa foi condenada à execução pelo fogo, a aldeia foi executada pela mudança de nome<sup>87</sup>.

Existe também nessa questão um simbolismo religioso, baseado na oposição entre a ortodoxia da alta nobreza, em que a autoridade do monarca se mistura à autoridade da Igreja Ortodoxa, e a religiosidade popular, baseada na ortodoxia antiga e anterior ao Cisma, um dos conflitos que foram aproveitados por Pugatchóv em seu intento de atrair os camponeses para a sua rebelião.

Outro aspecto é que a questão da memória é parte do processo histórico. Tanto durante os acontecimentos como na tentativa de construção de uma história oficial com base no cancelamento dos movimentos insurgentes.

À luz dessas ações simbólicas, não só a transformação de Zimoveiski em Potemkinski, como todas as outras renomeações cumpriam um novo significado: a troca de nomes é um tipo diferente de execução. Quando, no final da *História de Pugatchóv*, a narração chega ao esquarteramento de Pugatchóv ela faz uma clara alusão à relação entre o ritual não sangrento de Zimoveiski e as cabeças decepadas em Moscou. Esse parágrafo anterior, imediato ao epílogo, repete textualmente o final dramático da queima da casa, com a frase: “Os carrascos espalharam as cinzas”. Mas, desta vez, as cinzas não são da casa executada, mas dos rebeldes. A semelhança entre a execução simbólica e a verdadeira permanece. Ambos os dramas terminam com o perdão do czar<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> Только в свете этого ритуального действия можно понять переименование Зимовейской. Станицу перенести не разрешили, потому что она должна была понести наказание вместе с домом и землей. Дом был сожжен, земля огорожена и проклятая, станица - переименована. В данном случае, сожжен ие, проклятие и переименование- равносильные 'высшие' меры наказания. Дом приговорен к казни через сожжение, станица, - к казни через переименование. Id. Ibid.

No simbolismo da repressão à revolta, Púchkin evidencia, pela repetição e simetria, que as ordens de Catarina II foram premeditadas, o que indica que a mentalidade da época permitia que a imperatriz concebesse a ideia de que decretos seus pudessem de fato mitigar o trauma e cancelar a memória da insurreição na consciência coletiva.

## **Conclusão**

Não há consenso a respeito das filiações historiográficas da obra de Púchkin. Vários autores estabeleceram relações com vertentes historiográficas do período ou mesmo anteriores a partir de passagens da sua obra, escrita na segunda e terceira décadas do século XIX. Púchkin não afirmou claramente sua adesão a correntes historiográficas em textos e cartas pessoais, deixando mais indícios para o trabalho interpretativo dos críticos nas peças literárias que escreveu.

No entanto, é possível perceber que o sentido de história de Púchkin é claramente influenciado pelas historiografias da época mesmo em suas obras ficcionais. A importância da história para o poeta é evidenciada também nas suas diversas abordagens da personagem de Pedro, o Grande e de seu tempo.

Ainda que neste momento particular da história e da literatura exista uma sobreposição entre os dois campos, é possível verificar a diferença de abordagens entre ambas. Púchkin idealiza e planeja de modo diverso a narrativa histórica e a ficcional.

---

<sup>88</sup> в свете этих символических действий, не только превращение Зимовейской в Потемкинскую, но и все прочие переименования наполняются новым смыслом. Смена имени оказывается развидностью казни. Когда же, в самом конце ИП, повествование доходит до четвертования Пугачева, то делается явственный намек на связь между бескровными ритуалами в Зимовейской и отсечением голов в Москве. В этом абзаце, непосредственно предшествующем эпилогу, дословно повторен драматический финал сожжения дома, фраза "Палачи развеяли пепел". Но на этот раз это пепел не казненного дома, а казненного мятежников. Сходство между казнями символическими и настоящими продолжается- обе драмы заканчиваются царским прощением. LANGLEBEN, Maria. op. cit., p. 189.

Em termos de confecção, como demonstra o capítulo 2, o levantamento das fontes, o grande esforço que realizou para ter acesso aos arquivos disponíveis na época, bem como a seleção criteriosa dos materiais e a transposição desses documentos para seu livro comprovam a centralidade da documentação para Púchkin e o rigor que empregou na escrita de sua obra. A pesquisa documental permaneceu de forma meticulosa no resultado final da *História de Pugatchóv*. Já no processo de criação de várias de suas ficções históricas, Púchkin tende a pesquisar os temas, mas não se importa em alterar as circunstâncias, adicionar personagens, adiantar ou postergar eventos.

Neste aspecto, é relevante a presença do acaso e da contrariedade ao determinismo na concepção histórica de Púchkin, o que está presente tanto em sua ficção histórica como em cartas e textos que deixou. No caso de um de seus livros em que aborda a revolta de Pugatchóv, *A Filha do Capitão*, vê-se logo no início da trama o protagonista Piotr Grinév se dirigindo para a guarnição de Oremburgo, sob as ordens de seu pai. Durante sua viagem, ele recebe a ajuda de um camponês, que lhe serviu de guia. Em agradecimento, Piotr dá ao camponês um de seus casacos. O camponês é na realidade o cossaco Imelian Pugatchóv.

Esta circunstância da trama insere o acaso na estrutura da narrativa. O papel deste na concepção histórica de Púchkin de fato representaria bem mais do que simplesmente influenciar a ação de indivíduos sem necessariamente impactar o rumo dos acontecimentos. Esta é, na realidade, uma posição avessa ao determinismo histórico de historiadores franceses como François Guizot (1787-1874). Púchkin discordava dos historiadores franceses em dois aspectos: a especificidade do desenvolvimento histórico russo e a discordância no que se refere ao papel do acaso na história.

Mais um elemento importante na visão de Púchkin é a memória popular. No próprio texto da *História de Pugatchóv*, ele indica que o intento de Catarina II falhou e

que a memória da revolta e de seu líder permaneceu entre as populações daquela região, algo que pôde perceber a partir das conversas com os sobreviventes nos locais que visitou. Esta constatação aparece em cartas que ele escreveu e foi também mantida em suas anotações.

Caso essa interpretação seja levada adiante, pode-se pensar que a capacidade de Pugatchóv se manter presente na memória russa seja um dos motivos pelos quais o tema interessou a Púchkin como objeto de estudo e igualmente das duas obras que escreveu a respeito. Considerando o tempo e o trabalho que dedicou à sua *História de Pugatchóv* e de sua preferência mais por personagens do que por estruturas na história da Rússia, essa permanência talvez chancele a presença de Pugatchóv na cadeia de personagens históricos aos quais Púchkin dedicou trabalhos de fôlego.

Mais do que a filiação a uma escola ou modelo, a obra de Púchkin demonstra a capacidade de identificar e tomar emprestado de diversas tradições as ferramentas que lhe pareceram mais adequadas para forjar sua própria concepção de história e trabalhá-la em seus textos de forma independente e original. Não parece plausível considerar que o resultado final da *História de Pugatchóv* esteja mais próximo de uma corrente que de outra ou que ele se colocasse de fato contra todos os aspectos de alguma delas.

## Bibliografia

- BARNES, Hugh. *The Stolen Prince. Gabinnal, Adopted son of Peter the Great, Great-Grandfather of Alexander Pushkin, and Europe's First Black Intellectual*. New York: Harper Collins, 2006.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 6° ed. São Paulo: Cia das letras. 1988.
- BETHEA David M., DAVIDOV, Sergei. "The [Hi]story of the Village Gorjuxino" in *Praise of Puškin's Folly. The Slavic and East European Journal*, Autumn, 1984, Vol. 28, No. 3 (Autumn, 1984).
- BETHEA, David M. "Pushkin's The History of Pugachev: Where Fact Meets the Zero-Degree of Fiction". *The Superstitious Muse: Thinking Russian Literature Mythopoetically*. Academic Studies Press, 2009.
- BOS, Jacques. "Nineteenth-Century Historicism and its Predecessors: Historical Experience, Historical Ontology and Historical Method." (eds.) Rens Bod, Jaap Maat and Thijs Weststeijn. *The Making of the Humanities. Vol II: From Early Modern to Modern Disciplines*. Amsterdam University Press, 2012.
- DEBRECZENY, Paul. "A History of Pugatchov (1834)" in Pushkin, Alexander. *The Captain's Daughter and a History of Pugatchov*. Richmond: Alma Classics, 2012.
- DONILIN, Alexander. "Historicism or Providentialism? Pushkin's History of Pugachev in the Context of French Romantic Historiography", *Slavic Review*, Vol. 58, No. 2, *Special Issue: Aleksandr Pushkin, 1799-1999* Cambridge University Press. 1999.
- DRIVER, Sam. *Pushkin – Literature and Social Ideas*. New York: Columbia University Press, 1989.
- EVDOKIMOVA, Svetlana *Pushkin's Historical Imagination*. New York: Yale University Press, 1999.
- GOLSTEIN, Vladimir. "Púchkin Mozart and Salieri as a parable of salvation." *Puškin's Russian Literature*, Volume 29, Issue 2, 1991.
- КАРАМЗІН, Никола́й Миха́йлович. *Истории государства Российского*, , Издательство Эксмо. 2019.
- KOUTAISSOFF, E. "XVIII. The Ural Metal Industry in the Eighteenth-Century". *Essays in Bibliography and Criticism*. Birmingham: University of Birmingham *The Economic History Review*, 4 1951.

- LEGLEBEN, Maria. наказание мятежной природы четыре фрагмента из Истории Пугачева, А С Пушкин. *Russian Literature*. Volume 29, Issue 2, 15 February 1991, Pages 177-203.
- LIEVEN, Dominic (ed.). *The Cambridge History of Russia. Vol. II. Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LONGWORTH, Philip. "The Pretender Phenomenon in Eighteenth-Century Russia". *Past and Present*. Number 66, 1975.
- LUCKÁCS, György. *O Romance Histórico*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2011.
- MIRSKY, D. S. *A History of Russian Literature*. London: Routledge & Kegan. 1949.
- MONTEFIORE, Simon Sebag. *Os Románov: 1613-1918*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- OVTCHÍNNIKOV, Redginald Vassilievich. *Puchkin v Rabote nad Akhvirimí Dokumentami (Istoria Pugacheva)*. Leningrad: Nauka, 1969.
- PÚCHKIN A. S., *Boris Godunov*. São Paulo: Globo, 2007.
- PÚCHKIN, Aleksandr. *A Filha do Capitão*. São Paulo: Ed. 34, 2022.
- PÚCHKIN, Aleksander S. *A Filha do Capitão e Jogo das Epígrafes*. (ed.) Helena S. Nazario. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- [ПУШКИН, Александр. *Сергеевич история пугачева собрание сочинений в десяти томах VII*. Москва: Правда, 1981.]
- ПУШКИН, Александр. *Сергеевич. полное собрание сочинений в десяти томах X*. Академия Наук, СССР. Москва: Ленинград, 1951.
- ROSAS, Cecília. *A Literatura e Seus Variados Fins Docos: Tradução e Comentário de Quatro Contos de Púchkin*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 2009
- STRIEDTER, Iurij. "Poetic Genre and the Sense of History in Pushkin". *New Literary History* vol. 8, no 2, 1977.
- ZENKOVSKY, Serge A. "The Russian Church Schism: Its Background and Repercussions". *The Russian Review* Vol. 16, No. 4. 1957.